

ELABORAÇÃO E TRATAMENTO DE TEXTOS DIDÁTICOS

Paulo Roberto Colusso
Ricardo Brisolla Ravello
Simone Witt Matté
Volnei Antônio Matté
Daiana Christ

Organizador
Paulo Roberto Colusso

Santa Maria - RS
2016



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

© Colégio Técnico Industrial de Santa Maria

Este caderno foi elaborado pelo Colégio Técnico Industrial
da Universidade Federal de Santa Maria para a Rede e-Tec Brasil.

Coordenação Institucional

Paulo Roberto Colusso

Organização

Paulo Roberto Colusso

Autores

Paulo Roberto Colusso
Ricardo Brisolla Ravanello
Simone Witt Matté
Volnei Antônio Matté
Daiana Christ

Revisão Textual

Camila Marchesan Cargnelutti
Felipe Freitag

Projeto Gráfico

Cássio Fernandes Lemos
Erika Goellner
Leandro Felipe Aguilar Freitas
Marcel Santos Jacques
Volnei Antônio Matté

Diagramação

Leandro Felipe Aguilar Freitas

Assistente de Produção Fotográfica

Ana Letícia do Amaral

Imagens

Agnes Oliveira Borges
Aleph Corporation
Ana Letícia Oliveira do Amaral
Anastasia Dimitriadi
Anthony James
Bohyun Kim
Brain&Bros Dz.
Brian Liu
Cássio Fernandes Lemos
Daniela Riveros
David Foster Wallace
Eduardo Franco
Elena Malkova
Future Plc.
Genaro Colusso
Haeun Jeong
Hande Ünver
Harper's Bazaar Magazine
Jackson Alves
Jaeunn Kim
Jordan Jeleu
Leandro Felipe Aguilar Freitas
Madeleine Skjelland Eriksen
Maria Teresa Kurek
Marius Holtmon
Matheus Tanuri Pascotini
Mette Landsem
Neil Pitman
New York Magazine
Philippe Moesch
Shut Up Studio
Siggi's Dairy
Solange Saavedra
The Fontmaker
The Labelmaker
Unicode Studio
Vassil Kateliev
Warner Bros. Pictures

E37 Elaboração e tratamento de textos didáticos / Volnei Antônio Matté... [et al.] ;
organizador Paulo Roberto Colusso. – Santa Maria : Colégio Técnico Industrial
de Santa Maria, 2016.
96 p. : il. ; 28 cm
ISBN 978-85-9450-022-9

Caderno elaborado pelo Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal
de Santa Maria para a Rede e-Tec Brasil.

1. Tipografia 2. Comunicação visual 3. Educação I. Colusso, Paulo Roberto
II. Escola Técnica Aberta do Brasil

CDU 655.262

Ficha catalográfica elaborada por Alenir I. Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

Apresentação

A sociedade em que vivemos tem o privilégio da diversidade. A comunicação se torna cada vez mais acessível, direta, específica e personalizada. Neste ambiente, as redes sociais desempenham um papel fundamental, integrando grupos e indivíduos de culturas diferentes, afinidades semelhantes, interesses afins ou contrários, enfim, gerando reflexões, questionamentos, mobilizando grupos e promovendo mudanças sociais. Dessa maneira, a imagem passa a ser um elemento essencial e ativo de comunicação e de informação, sendo amplamente valorizada, manipulada e utilizada por todos os indivíduos.

Da mesma forma, podemos afirmar que isso também se aplica ao processo de ensino-aprendizagem, no qual a multiplicidade e a diversidade constituem aspectos importantes, pois são categorias que se refletem na construção particular do processo de ensinar e aprender. Como as pessoas aprendem de maneiras diversas, é adequado que esta multiplicidade e diversidade da sociedade contemporânea seja, também, direcionada para a educação.

No ensino a distância, os recursos didáticos, pela diversidade dos meios em que se apresentam, permitem que o estudante possa construir seu conhecimento de formas diferentes daquelas a que sempre esteve habituado, aprendendo da maneira que lhe seja mais adequada. Sendo assim, os recursos didáticos utilizados no EaD auxiliam, de forma mais dinâmica, o processo de ensinar e aprender, pois permitem apresentar a mesma informação em diferentes meios, englobando **texto, imagem, movimento e som**, possibilitando também a **interação**.



Sabemos que o ensino a distância, por questões de operacionalização e custos, não comporta uma abordagem individualizada, em termos de produção do material, para cada professor autor. Também precisa seguir um padrão que facilite sua produção, caso contrário, a equipe multidisciplinar necessitaria iniciar sempre um novo projeto para cada professor, e isso se tornaria inviável no contexto atual. Nesse sentido, os recursos didáticos disponíveis, como os textos, as imagens, os vídeos, os objetos de aprendizagem e o próprio ambiente virtual, podem ser utilizados como importantes meios de proporcionar essa diversidade e flexibilidade de aprendizagem.

O professor tem à sua disposição inúmeros recursos e elementos de comunicação e informação, assim, ele pode organizar sua disciplina utilizando esses recursos de forma variada, alternada e criativa, gerando a diversidade necessária para atender a demanda de uma sociedade baseada na multiplicidade e não na “pasteurização”.

Com o propósito de servir de auxílio à capacitação de professores autores e demais interessados no desenvolvimento de materiais para a Educação a Distância, a equipe multidisciplinar EaD do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria teve a iniciativa de desenvolver uma série de cadernos didáticos de apoio. O foco destes cadernos não foi direcionado apenas ao desenvolvimento de um determinado tipo de material, como os objetos de aprendizagem ou videoaulas, por exemplo. Procuramos abordar mais os recursos do que os materiais, ou seja, enfocar os elementos e recursos de comunicação que o professor dispõe para construir seus materiais.

Assim, estipulamos as seguintes categorias para serem abordadas e detalhadas nessa série de cadernos: **imagem, texto, audiovisual e interação**. Com base nessas categorias, a proposta de cadernos didáticos e sua respectiva sequência está assim organizada:

- 1º Caderno – **Produção e Utilização de Imagens na Educação.**
- 2º Caderno – **Elaboração e Tratamento de Textos Didáticos.**
- 3º Caderno – **Produção e Utilização de Audiovisuais na Educação.**
- 4º Caderno – **Recursos Interativos de Aprendizagem.**

Se você observar a sequência apresentada, perceberá que ela inicia tratando dos recursos estáticos, passa a considerar, gradualmente, os recursos em movimento para, então, finalizar tratando da interação. Cada uma das categorias em destaque fornece a base e os fundamentos para a seguinte.

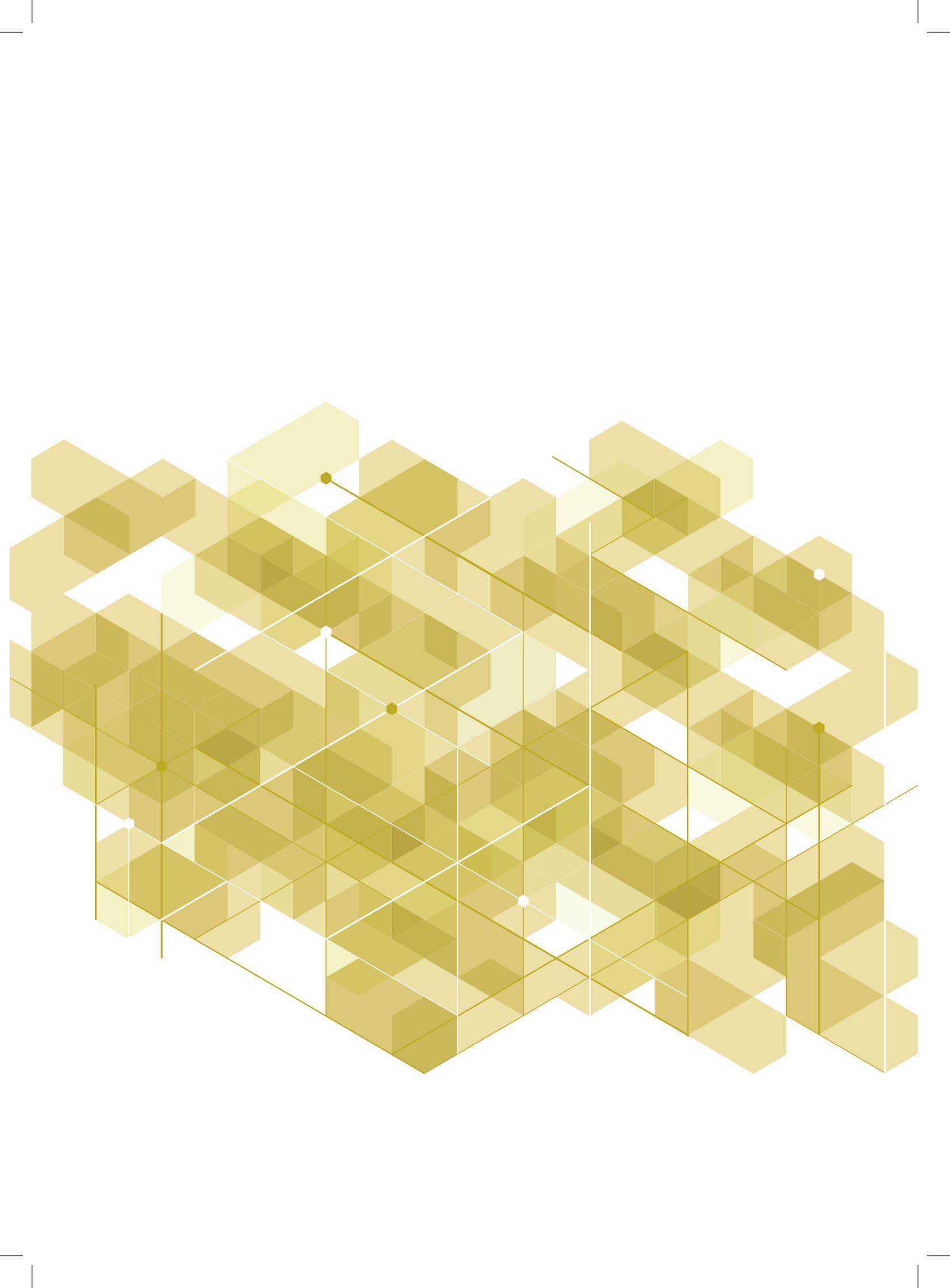
O objetivo é fornecer conhecimentos e técnicas para a produção, elaboração e utilização de recursos didáticos, para que o professor possa utilizá-los no desenvolvimento de seus materiais. Não pretendemos abordar com profundidade as questões didáticas da condução da disciplina, ou construção do design instrucional, mas simplesmente tratar e demonstrar as potencialidades dos recursos didáticos que o professor pode fazer uso para construir e efetivar sua disciplina. O conteúdo desses cadernos traz noções gerais e assuntos mais aprofundados sobre o tema em pauta. Você poderá consultar isoladamente algumas seções para tirar suas dúvidas ou aprofundar seus conhecimentos, de acordo com suas intenções e necessidades.

Esse caderno, o segundo, trata do texto para EaD, englobando alguns aspectos gerais de redação, as especificidades da tipografia e do tratamento visual dos textos para auxiliar no processo de leitura, bem como discorre sobre o comportamento dos textos em tela, buscando compreender suas relações com a leitura em mídias digitais.

O planejamento e a execução desses cadernos foram realizados inteiramente pela equipe multidisciplinar do EAD/CTISM. A equipe desenvolveu os textos, as ilustrações e a diagramação desses cadernos de apoio. Participaram profissionais com formação em educação, design gráfico, ciências da computação e letras, entre outras áreas, como é o recomendado a uma equipe multidisciplinar para EaD.

A equipe multidisciplinar do CTISM possui uma significativa experiência acumulada na realização de capacitações e de validação de materiais para outras instituições. Nesse sentido, grande parte das informações aqui contidas também é proveniente da experiência dos seus membros em diferentes áreas do conhecimento e da participação deles como professores ou gestores de cursos a distância, assim como na participação em outras equipes multidisciplinares.

Esperamos que você aproveite esse caderno e que possa utilizá-lo como um auxílio na preparação de seus materiais didáticos.



Sumário

Apresentação · 3

1 Introdução · 9

2 Texto para EAD · 11

- 2.1 Linguagem do texto didático · 13
- 2.2 Organização do texto · 18
- 2.3 Redação · 20

3 Tratamento visual dos textos · 23

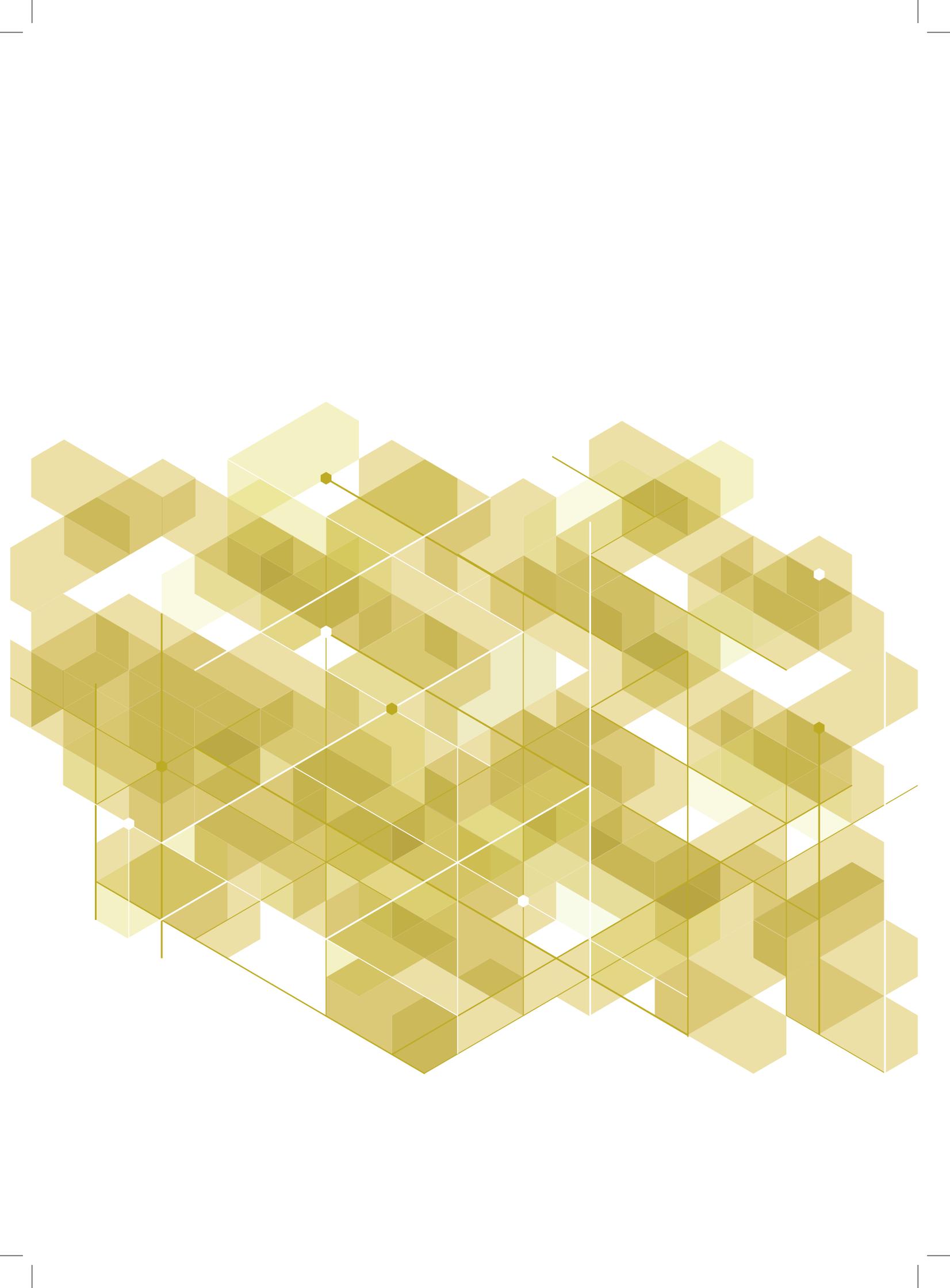
- 3.1 Conceitos · 25
- 3.2 Classificação · 35
- 3.3 Conforto de Leitura · 52
- 3.4 Comportamento do texto · 56

4 O texto em ambientes digitais · 83

5 Aspectos legais · 89

6 Considerações finais · 93

Referências bibliográficas · 95

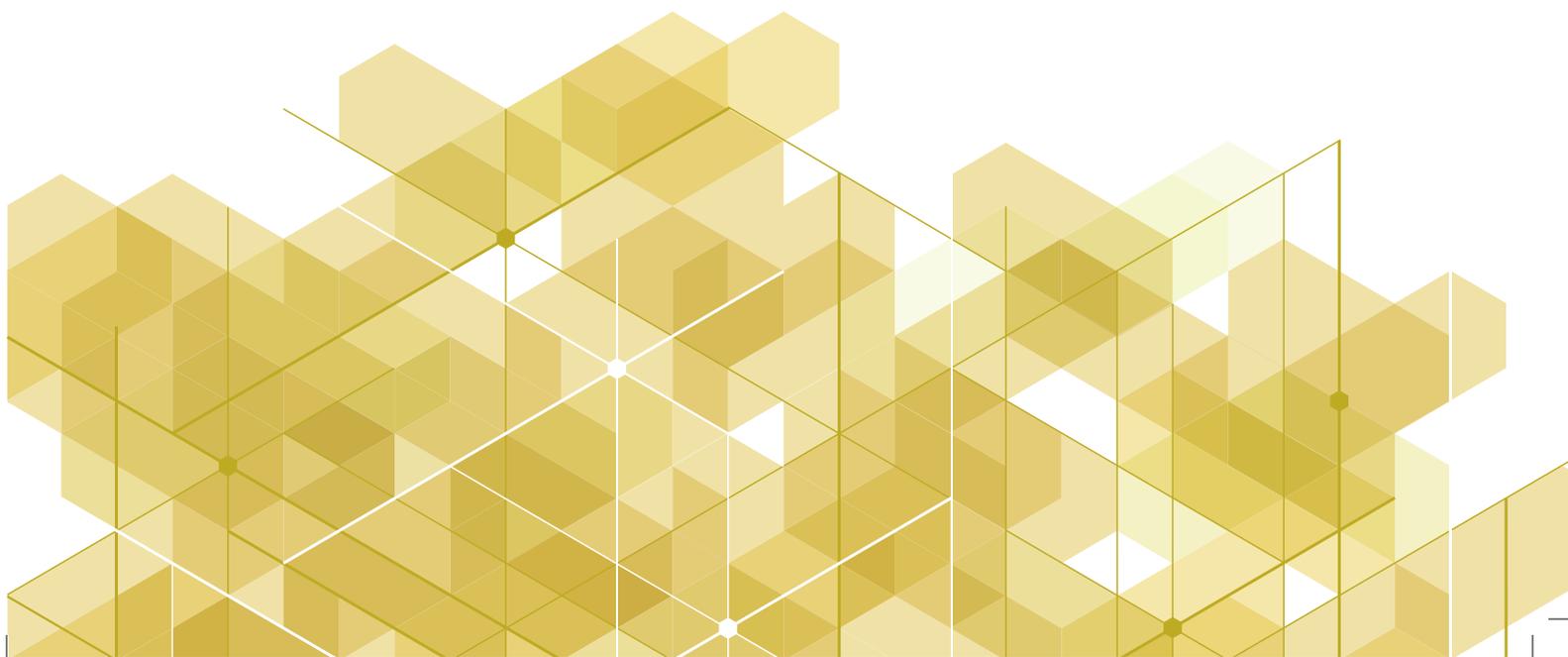


UNIDADE

1

Introdução

Desenvolver textos para o Ensino a Distância (EaD) é uma tarefa que solicita do professor autor alguns conhecimentos e habilidades diferentes daqueles empregados na elaboração de textos científicos, devido às particularidades do aluno e do próprio ensino a distância. Entre essas características, uma das mais importantes é a dialogicidade. Essa distingue-se pela função de promover o encontro da reflexão com a ação, requisitos essenciais no ensino profissionalizante e para os quais devem ser focados todos os materiais produzidos com finalidades educacionais.



O material didático textual é um dos recursos pedagógicos mais importantes para a construção efetiva das experiências cognitivas no ensino a distância. Com uma linguagem simples e dialógica, focada na interação e na objetividade, promovendo reflexão e apresentando de uma forma clara os conteúdos e as informações, o material didático pode favorecer, significativamente, os processos de aprendizagem para os quais se destina, tornando-se um elemento de incentivo e de motivação na trajetória que o aluno irá percorrer durante a sua formação.

O conteúdo aqui apresentado tem como principal finalidade orientar, tanto o professor que trabalha com o ensino a distância quanto aquele que produz materiais para suas aulas presenciais, na tarefa de construção e redação do seu material didático. Essa produção de materiais abarca todos os textos auxiliares que o professor produz para a disciplina, bem como conglomera a produção de materiais específicos que demandam um maior tempo de elaboração, como, por exemplo, os materiais didáticos textuais.

Você encontrará, nesse caderno instrucional, algumas orientações básicas que irão auxiliar na construção da redação do seu texto didático. Não pretendemos, com essas indicações, limitar a tarefa de desenvolvimento de seus próprios materiais. Ao contrário, é importante que você empregue toda a sua criatividade na elaboração dos conteúdos, possibilitando que o estudante vivencie uma real experiência de aprendizagem.

Em alguns casos, os materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por professores poderão fazer parte de um repositório nacional de conteúdos, como é o caso dos cadernos didáticos dos professores da Rede e-Tec, ou seja, esses materiais poderão ser editados para preencher as necessidades de outros cursos, em diferentes instituições e localidades brasileiras, bastando, para isso, que os conteúdos e os cursos tenham uma determinada similaridade. Nesse caso, cada um dos sujeitos envolvidos na preparação e na validação desses materiais possuem suas responsabilidades definidas. Isso é essencial para que o processo siga seu fluxo de forma eficiente, sem incorrer em sobrecarga, ou em duplicidade de tarefas. O resultado desse trabalho só será satisfatório se houver o envolvimento do professor autor em perfeita sintonia com toda sua equipe multidisciplinar.

Para facilitar a compreensão das informações apresentadas, esse caderno está estruturado em capítulos, cujas temáticas aparecem de acordo com as necessidades verificadas na construção de textos didáticos. O primeiro capítulo trata das questões gerais da redação de textos para EaD. O segundo aborda o tratamento visual dos textos, objetivando o conforto de leitura e a facilidade de comunicação, passando pelo estudo de legibilidade, pelas características técnicas das fontes, entre outros itens. No capítulo seguinte, debatemos o comportamento do texto em ambientes digitais, buscando uma relação com a atenção e com o processo de leitura em mídias digitais. Por fim, o último capítulo discorre sobre a legislação de direitos autorais e a sua implicação na redação de textos para EaD.

UNIDADE

2

Texto para EAD

A redação de um texto para EaD apresenta características muito diferenciadas em relação à composição de um texto científico. Essas características são determinadas, fundamentalmente, pelas diferenças no e do processo de ensino-aprendizagem do contexto para o qual o material se destina. Enquanto o texto científico dirige-se a uma comunidade científica, a pesquisadores e estudiosos de determinado tema, o livro-texto dirige-se ao estudante, ao aluno iniciante, àquele que está começando a sua formação, àquele que está sendo apresentado a novos conhecimentos, àquele que está pesquisando pela primeira vez determinados assuntos. Dessa forma, o estudante precisa ser motivado pelo conteúdo do texto; ele precisa sentir empatia pelo texto. Em outras palavras, é necessário que o texto seja amigo e orientador do estudante, na medida em que, no contexto de EaD, os textos são o primeiro contato daqueles com o conhecimento.



É difícil prever as diferentes circunstâncias nas quais o estudante irá realizar suas leituras. Talvez elas aconteçam em um ambiente ideal de estudo, assim como, talvez elas se deem em condições inadequadas de iluminação, ou mesmo em um ambiente tumultuado, com ruídos e barulhos, ou seja, em um ambiente que não possibilita certa concentração cognitiva apropriada (figura 2.1). Considerando essas diferentes situações, o texto precisa ser pensado e construído de forma a auxiliar o estudante a manter sua atenção e interesse nos conteúdos que lhe são apresentados. Para isso, você deverá considerar determinados aspectos na construção do seu texto como, por exemplo, linguagem coerente, adequação ao perfil do público leitor, organização do texto, utilização de exemplos, entre outras propriedades.

Apesar de não existirem regras, ou métodos que possam ser aplicados a todos os modelos de textos didáticos, apresentaremos a seguir algumas informações que poderão ajudá-lo, de forma complementar nesse processo construtivo.

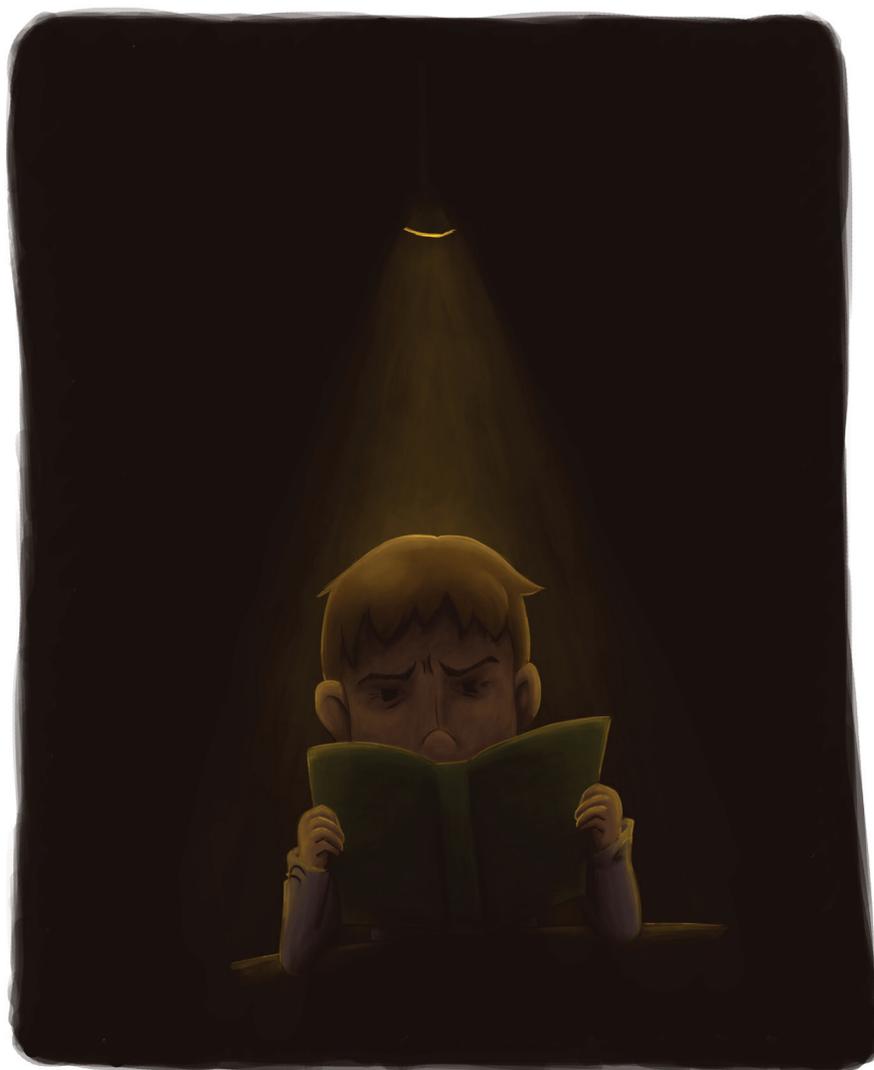


FIGURA 2.1
Situação
inadequada
de estudo.

MARIA TERESA KUREK

2.1 LINGUAGEM DO TEXTO DIDÁTICO

Uma das principais questões que você deve considerar no momento da redação do seu texto é a escolha da linguagem. A linguagem de um texto didático deve ser diferente, por exemplo, da linguagem de um referencial teórico. O referencial teórico caracteriza-se por ser uma revisão de literatura com características de texto científico, no qual o autor precisa manter a impessoalidade e preocupar-se com o rigor técnico. O texto didático, por sua vez, possui uma linguagem própria, pois é dialógica, conversa com o leitor de forma mais direta, flui com ritmo e com naturalidade e busca uma proximidade com o aluno.

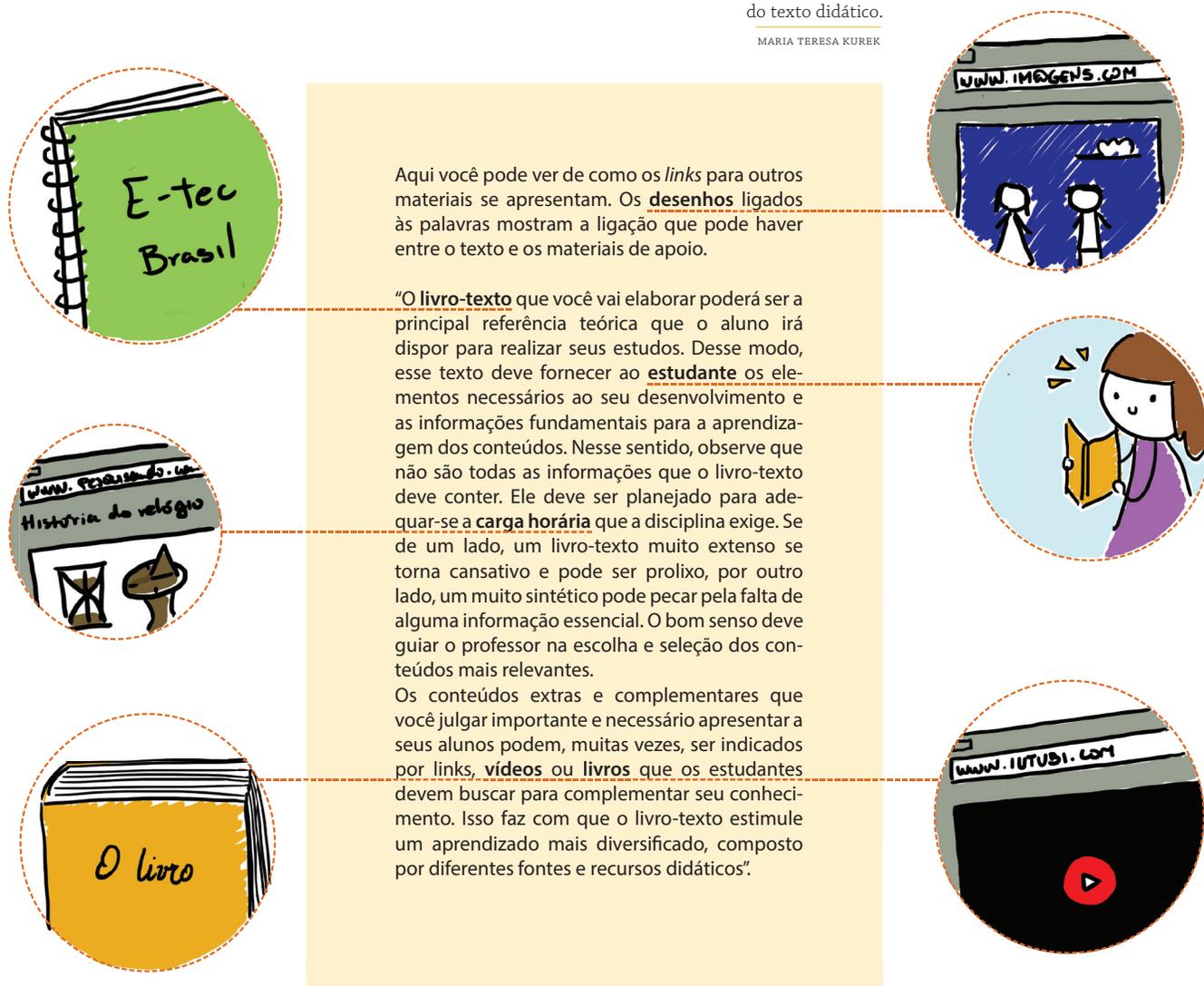
Isso não impede que você faça uma revisão de literatura científica e que use citações no seu texto didático. Sempre que achar necessário, você deve utilizá-las, pois elas reforçam suas ideias e, também, referenciam autores que são importantes em determinadas áreas do conhecimento. As citações permitem que você utilize partes de textos de outros autores, expondo teorias diferentes para serem estudadas, além de enriquecerem seu texto com novos conceitos; mas, lembre-se, você precisa referenciar adequadamente todas as citações utilizadas para não infringir nenhuma lei de direitos autorais.

O livro-texto que você vai elaborar poderá ser a principal referência teórica que o aluno irá dispor para realizar seus estudos. Desse modo, esse texto deve fornecer ao estudante os elementos necessários ao seu desenvolvimento e as informações fundamentais para a aprendizagem dos conteúdos. Nesse sentido, nem todas as informações devem estar contidas no livro-texto. O livro-texto deve ser planejado para adequar-se à carga horária que a disciplina exige. Se, de um lado, um livro-texto muito extenso torna-se cansativo e pode ser prolixo, por outro lado, um muito sintético pode pecar pela falta de alguma informação essencial. O bom senso deve guiar o professor na escolha e na seleção dos conteúdos mais relevantes.

Os conteúdos extras e complementares que você julgar importantes e necessários ao aprendizado dos seus alunos podem, muitas vezes, ser indicados por *links*, vídeos, ou livros que os estudantes devem acessar para acrescer seus conhecimentos. Isso faz com que o livro-texto estimule um aprendizado mais diversificado, composto por diferentes fontes e por distintos recursos didáticos (figura 2.2).

FIGURA 2.2
Relações e links
do texto didático.

MARIA TERESA KUREK



Pense da seguinte maneira: no ensino presencial você utiliza textos de apoio de outros autores, tais como livros, artigos, citações etc. Mas você também elabora textos complementares, explica a relação entre eles, conversa com seus alunos e esclarece, por meio de exemplos contextualizados, o que não ficou muito claro para os estudantes sobre determinados conteúdos. Como no ensino a distância o professor não está presente para efetuar essas tarefas, elas devem ser executadas pelo material disponibilizado ao aluno. Essa é a função que o seu livro-texto vai desempenhar junto aos estudantes.

O uso de uma linguagem direta e objetiva, simples e acessível, comunicativa, expressiva e dialogal é fundamental para que o texto didático alcance sua finalidade e cumpra com seus objetivos. Evite, se possível, utilizar a voz passiva, e dê ênfase às suas afirmações. Assim, o texto pode ser redigido em frases mais curtas e bem pontuadas, permitindo uma leitura agradável, sem que o aluno disperse sua atenção, perdendo-se numa frase longa, ou confusa.

Você deve ter em mente que a leitura do material precisa fluir como uma conversa natural entre professor e aluno, porém extremamente didática. Desse modo, o conteúdo do livro-texto deve dialogar com o estudante através da utilização de uma linguagem mais direta, próxima à de sala de aula. Uma dica é imaginar que você está conversando com uma turma de estudantes enquanto escreve seu texto. Utilize, por exemplo, expressões, como: “você pode...”, “você poderá encontrar...”, “busque...”, “analise...” etc.

FIGURA 2.3
Texto dialogando
com o leitor.
MARIA TERESA KUREK



No entanto, é importante destacar que essa conversa, ou esse diálogo que será proporcionado pelo texto, também precisa estabelecer laços de confiança entre as duas partes, transmitindo credibilidade ao estudante ao mesmo tempo em que demonstra toda a seriedade do processo de ensino-aprendizagem. Em vista disso, piadas e outras atitudes linguísticas dessa natureza devem ser evitadas na redação do texto didático. A linguagem deve estar adequada à exposição de conhecimentos técnicos e científicos a que o estudo se propõe. Ela não precisa ser vulgar para ser dialógica, não precisa ser erudita para ser sóbria. O equilíbrio é a meta desejável em um texto didático, já a simplicidade e a objetividade são as diretrizes principais.

Outro fator de grande relevância para a elaboração de um texto didático é o público a que se destina o material produzido. É aconselhável que você pesquise e que você conheça a realidade cultural e social dos estudantes para os quais você escreve, bem como que você verifique e analise o nível de conhecimento que eles já possuem.



FIGURA 2.4
Diferentes
contextos culturais.

MARIA TERESA KUREK

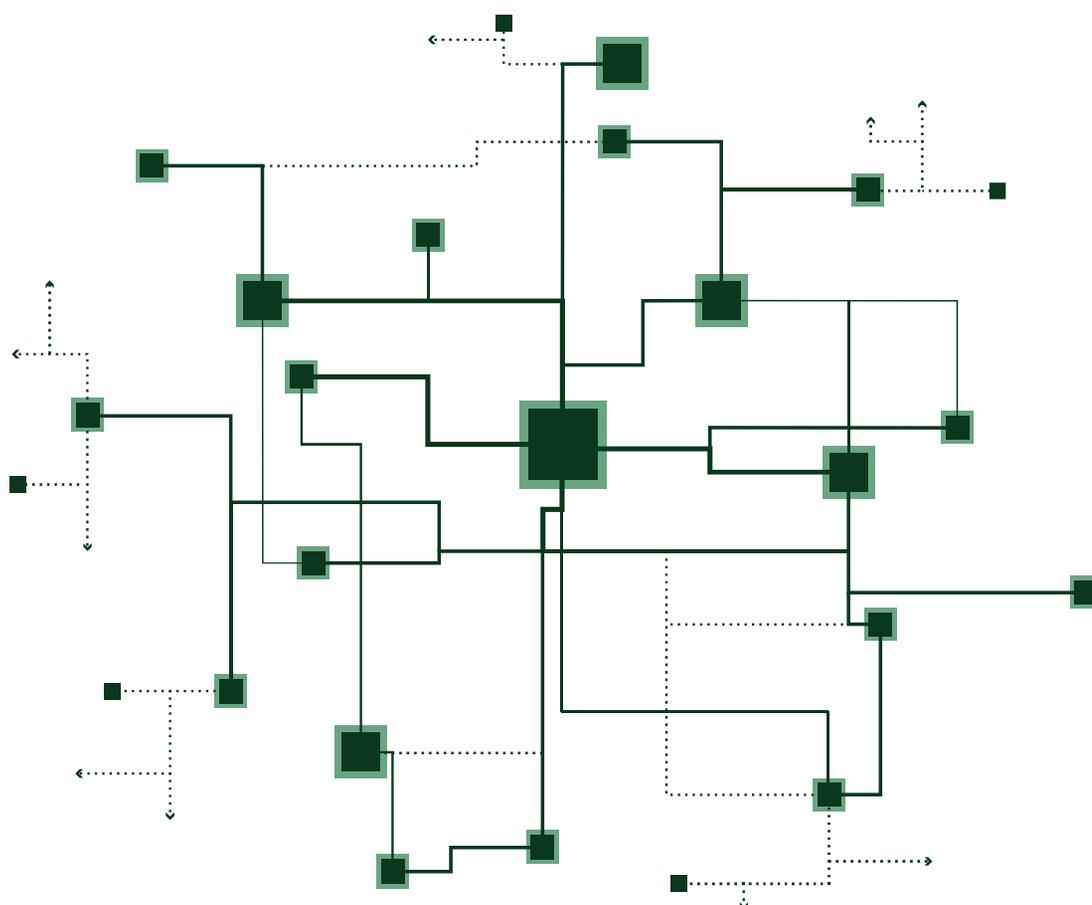
No ensino presencial, conseguimos perceber com mais facilidade se os alunos estão compreendendo a explicação que fornecemos. No ensino a distância, essa percepção se torna limitada e, nesse caso, é o texto que deve ser construído de forma a suprir as lacunas de aprendizagem encontradas pelos alunos. Daí a necessidade de

conhecer o contexto (de vida e de trajetória escolar, sobretudo) desses educandos para redigir um texto adequado às suas realidades socioculturais.

Outro caminho que pode ser amplamente empregado na redação do texto didático é o recurso da hipertextualidade. Em contexto educacional, podemos afirmar que hipertextualidade é uma forma de trabalhar os conceitos pedagógicos contemporâneos de um modo não linear, ampliando as possibilidades de aprendizagem do aluno, uma vez que se utiliza da diversidade e da multiplicidade de trajetórias, informações e conteúdos para produzir raciocínios.

A hipertextualidade pode ser utilizada para fazer ligações, tanto entre os diferentes assuntos internos do livro-texto quanto para ligar o livro-texto a outros recursos didáticos, como, por exemplo, vídeos, objetos de aprendizagem e outros textos. Quando escrevemos um texto que utiliza a estratégia de hipertextualização, fazemos com que o estudante retorne e avance consecutivas vezes no assunto abordado, assimilando de forma mais efetiva as informações ali contidas. Assim, o estudante pode percorrer caminhos diferentes durante a sua leitura, tornando seu estudo mais dinâmico e atrativo.

FIGURA 2.5
 Hipertextualidade
 MARIA TERESA KUREK



2.2 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O texto didático, quando organizado de forma clara, posicionando adequadamente as citações, raciocínios e demais informações, contribui significativamente para um melhor entendimento e um eficaz aprendizado dos estudantes.

Organizar as informações coletadas, o conhecimento, as teorias, os conceitos e os raciocínios próprios, em uma estrutura lógica coerente e didática é, sem dúvida alguma, uma tarefa desafiadora.

Sua experiência na escrita de trabalhos científicos irá auxiliá-lo nessa tarefa. Mas, assim como a linguagem do texto didático é diferente da linguagem do texto científico, da mesma forma, também na organização do texto didático pode ser necessário considerar algumas características ou necessidades particulares, de acordo com o caso e com os objetivos em questão.

Uma das técnicas que podem auxiliar na etapa de organização do seu texto consiste em distribuir os conteúdos, ou organizá-los em uma estrutura conceitual (figura 2.6). Podemos assegurar que essa estrutura conceitual nada mais é do que a realização de um “desenho do sumário”, que permite colocar todos os conteúdos sob a forma de uma tabela, os quais serão organizados por assunto em uma sequência lógica de entendimento para o estudante. É importante que você visualize todo o seu material antes de escrevê-lo, pois isso permite observar a quantidade de texto necessária para cada assunto, além de verificar a ênfase a ser direcionada para o todo. Assim, você também poderá conferir se há necessidade de uma pesquisa bibliográfica mais aprofundada em determinado conteúdo, em qual usará mais os seus próprios conceitos e em qual serão incluídas as teorias de outros autores. Outrossim, esse olhar de todo o material, antes de escrevê-lo, possibilita determinar quais momentos são mais indicados para a realização de uma atividade e, em suma, permite ao professor ter a visão do todo e de suas partes relacionadas.

ESTRUTURA CONCEITUAL

Caderno de Texto

1. Introdução

2. Textos para EAD

2.1 Linguagem do texto didático

2.2 Organização do texto

2.3 Redação

3. Tratamento visual dos textos

3.1 Conceitos

3.2 Classificação

3.2.1 Góticas

3.2.2 Serifadas

3.2.3 Sem Serifas

3.2.4 Manuscritas

3.2.5 Decorativas

3.2.6 Pixel

3.3 Conforto de leitura

3.3.1 Legibilidade

3.3.2 Leiturabilidade

3.3.3 Visibilidade

3.4 Comportamento do texto

3.4.1 Mancha do Texto

3.4.2 Fontes para uso em Texto e Título

3.4.3 Espaços em branco

3.4.4 Colunas de texto

3.4.5 Itálicos e negritos

3.4.6 Ritmo e interrupções

4. O texto em ambientes digitais

5. Direitos autorais

6. Considerações finais

7. Referências bibliográficas

FIGURA 2.6
 Representação gráfica
 da estrutura conceitual
 deste texto.

MARIA TERESA KUREK

2.3 REDAÇÃO

A redação de um texto didático deve ser construída de forma a proporcionar ao aluno um ritmo agradável de leitura. Desse modo, é importante considerar que o texto não pode se constituir apenas por um conjunto de citações encadeadas, isto é, sequencializadas. Ele deve ser planejado e idealizado para ser atrativo e coerente e para ter um ritmo que não permita que a leitura se torne repetitiva e cansativa.

Com as facilidades geradas pelo acesso à internet e com as possibilidades oferecidas pelas ferramentas de edição, é fácil observar que muitos textos, infelizmente, são compostos apenas de citações copiadas e coladas no corpo do texto. Dessa prática resultam textos fragmentados, sem qualidade didática e que são, rapidamente, identificados como cópias por olhos mais atentos e experientes. Um texto didático não pode ser elaborado como uma “colcha de retalhos” de citações. É possível e muito válido utilizar as afirmações de outros autores, mas sempre construindo um entendimento próprio, apresentando uma sequência de raciocínio adequada e um conhecimento sólido. Da mesma forma, as citações utilizadas no texto didático também devem ser escolhidas de modo a gerar um ritmo de leitura coerente.

Além disso, durante a construção do texto, também é importante que você alterne as formas de uso das citações. Você pode utilizar citações diretas no corpo do texto ou pode escrevê-las em blocos separados, assim como pode usar citações indiretas, integradas ao próprio texto.

Evite utilizar apenas citações em bloco, ou seja, inclua as afirmações dos autores pesquisados no discurso do seu texto. A situação é semelhante ao contexto de uma sala de aula, no qual o professor apresenta aos seus alunos o raciocínio de um determinado autor, mas faz isso com suas próprias palavras,

expondo também suas ideias e conclusões a respeito dessa teoria. Isso torna o texto mais informal, dialogal e interativo, pois as informações vão sendo inseridas de forma integrada e não fragmentadas e separadas em blocos.

É necessário que você dedique especial atenção às frases que ligam as citações de autores pesquisados ao seu texto, elaborando as introduções e as conclusões, de modo a debater as ideias que o autor está expondo por meio dessas citações. Você poderá discutir esses conceitos, levantar questões, expor, ou debater novas opiniões.

Para contribuir com o entendimento do texto, se for necessário, você pode utilizar até mesmo certa redundância de informações. Esse recurso evita que o texto deixe margens para dúvidas. Novamente, essa situação é semelhante a uma explicação realizada em sala de aula, na qual é necessário apresentar a mesma informação várias vezes e de maneiras diferentes para que todos os alunos assimilem. A redundância de informação serve para enfatizar determinado conhecimento, ou para facilitar o seu entendimento.

Você também poderá apresentar exemplos práticos e questões para reflexão, relativos ao assunto estudado. Os exemplos práticos auxiliam a compreensão do aluno e fazem com que o conhecimento seja visualizado de uma forma mais clara e objetiva. Em determinadas situações, é interessante que o professor permita a flexibilidade de algumas questões, deixando-as em aberto, para que os estudantes exercitem sua autonomia e reflexão e possam chegar às suas próprias conclusões. Se houver algum assunto polêmico e sem uma resposta exata, por exemplo, o texto pode fazer com que os estudantes adquiram seu próprio posicionamento e adotem a abordagem que considerem mais adequada.

EVITAR:

A seguir, você poderá observar uma síntese com alguns itens que devem ser evitados na redação de um texto didático:

- **Colcha de retalhos** – citações em sequência sem uma ligação lógica, ou sem desenvolvimento de raciocínios.
- **Regionalismos** – alguns termos são específicos de uma determinada região e podem não ser compreendidos por estudantes de uma localização geográfica diferente.
- **Linguagem extremamente erudita** – a linguagem muito erudita pode dificultar o entendimento por parte dos estudantes. A linguagem não precisa ser coloquial, ela deve ser culta, mas simples.
- **Conceitos e termos técnicos que necessitem de conhecimento prévio** – nesse caso, é sempre necessário apresentar o significado do termo utilizado.
- **Textos muito longos e sem pausas** – a leitura do material didático se diferencia de um romance, por exemplo, no qual o autor não utiliza separações no texto, pois conta uma história. O material didático necessita de pausas para reflexão, para que o aluno possa assimilar o que foi lido. Pense em um estilo de redação de uma revista; observe que uma reportagem possui vários subtítulos, imagens, legendas e outros recursos; isso é feito com o objetivo de diversificar, complementar e tornar a leitura mais dinâmica.

UNIDADE

3

Tratamento visual dos textos

A preocupação com os aspectos estético-formais e com o detalhamento da diagramação é uma tarefa básica da atividade do design gráfico, mas que requer, da parte desse profissional, alguns conhecimentos específicos e certa experiência para realizar um projeto gráfico bem sucedido. Com o surgimento dos computadores pessoais e com sua ampla utilização em todas as atividades cotidianas, entre elas a redação, composição e distribuição de textos, tornou-se comum a execução dessas tarefas por outros profissionais de áreas não-relacionadas ao *design*.



Na área da educação, a produção de textos e a sua formatação é amplamente difundida, sendo comum a praticamente todos os professores, sejam eles da modalidade presencial ou a distância. Nesse caso, a preocupação com o tratamento dos textos é um fator determinante para uma melhor compreensão do conteúdo e da informação que está sendo apresentada.

Dessa forma, vamos abordar algumas questões básicas que poderão lhe auxiliar na diagramação de seus textos, explanando alguns aspectos introdutórios, uma vez que o conhecimento amplo do tratamento de textos necessita de maior tempo de aprendizado, haja vista que atenta para conhecimentos aprofundados da história, da técnica, dos elementos formais e construtivos da tipografia.

As recentes descobertas das tecnologias corporais humanas de percepção da realidade, realizadas a partir dos avanços da neurociência, indicam a importância do desenvolvimento equilibrado das faculdades da razão e da emoção, dos aspectos de conceituação e de denominação, dos aspectos estéticos, das habilidades matemáticas e das espaciais. Assim, observamos que a composição visual dos materiais, pode servir como um importante instrumento, auxiliando, significativamente, a aprendizagem do conteúdo desejado.

Se a apresentação visual de um texto não estiver em consonância com o conteúdo que pretende ser expresso, pode provocar uma confusão mental e uma disputa na produção dos sentidos. Pois, de um lado, a lógica levará o leitor a um entendimento, ao mesmo tempo em que a percepção o induzirá à compreensão de coisas adversas. A essa diferença produzida na interpretação da mensagem é que se deve estar atento para que um material possa ser compreendido e interiorizado sem maiores dificuldades.

Os estudos no campo do *Design Gráfico*, já há algum tempo, têm contribuído para a estruturação de formas ideais de apresentação dos conteúdos; porém, é preciso ressaltar que tais teorias e técnicas não devem ser entendidas como manuais de aplicação, em que se especifica o que é certo ou errado. Antes disso, configuram-se como um conjunto de estratégias que produzem certos efeitos, os quais irão causar determinadas sensações nos sujeitos no momento da leitura do conteúdo.

A forma, a estrutura e a utilização das letras, unidades menores formadoras das palavras e dos textos, ou seja, a tipografia, são alguns dos principais elementos que precisam ser compreendidos para a criação intencional de efeito visual na leitura de textos.

As letras não são boas ou más por si só, não são belas ou ilegíveis enquanto elementos isolados. É do seu uso, das relações com o conteúdo do texto e com os outros elementos gráficos materializados na página impressa que o seu valor aparece. Uma mesma família tipográfica pode gerar *layouts* geniais ou medíocres, fáceis de ler ou obscuros e enfadonhos, pois a tipografia é um recurso de linguagem visual que depende de uma certa combinação intencional.

3.1. CONCEITOS

Antes de iniciarmos a abordagem da técnica de tratamento de textos, é importante discutirmos alguns conceitos relacionados a ela, para um melhor entendimento dos assuntos posteriores. Nesse sentido, realizaremos um apanhado dos conceitos mais relevantes, apresentando uma síntese básica de seus significados.

- **Fonte tipográfica (*font*)**

É o conjunto de sinais alfabéticos e para-alfabéticos utilizados para a composição de textos. Possuem características semelhantes de estrutura e de forma. Fonte, antigamente, era denominada a caixa de tipos em metal, nome que permanece hoje na tipografia digital. Este conceito possui uma relação mais direta com o *software* de uma fonte específica. Muitas vezes, esse termo se confunde com o conceito de **tipo**, que corresponde ao desenho (forma) dos glifos que compõem a fonte (figura 3.1).



Para um aprofundamento maior sobre os termos, podem ser consultados os livros listados nas referências bibliográficas. Todos os livros listados são considerados básicos para o campo do Design Gráfico, porém desenvolvem mais detalhadamente o conteúdo aqui apresentado.

	!	"	#	\$	%	&	'	()	*	+	,	-	.	/	0
o	1	1	1	2	2	3	3	4	4	5	5	6	6	7	7	8
8	9	9	:	;	<	=	>	?	@	A	B	C	D	E	F	G
H	I	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W
X	Y	Z	[\]	^	_	`	a	b	c	d	e	f	fi	fl
ffi	ffl	ff	g	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s
t	u	v	w	x	y	z	{		}	~		i	ç	£	¤	¥
ı	š	¨	©	ª	«	¬	-	®	¯	°	±	²	³	´	µ	¶
·	¸	¹	º	»	¼	½	¾	¿	À	Á	Â	Ã	Ä	Å	Æ	Ç
È	É	Ê	Ë	Ì	Í	Î	Ï	Ð	Ñ	Ò	Ó	Ô	Õ			
Ö	Ö	×	Ø	Ù	Ú	Û	Ü	Ý	Þ	ß	à	á	â	ã	ä	å
æ	ç	è	é	ê	ë	ì	í	î	ï	ð	ñ	ò	ó	ô	õ	ö
÷	ø	ù	ú	û	ü	ý	þ	ÿ	Ā	ā	Ă	ă	Ą	ą	Ć	ć
Ĉ	ĉ	Č	č	Ď	ď	Đ	đ	Ē	ē	Ĕ	ĕ	Ė	ė	Ę	ę	

FIGURA 3.1

Alguns glifos que compõem uma fonte tipográfica.

LEANDRO FELIPE AGUILAR FREITAS

a

Extra Light + Extra Light italic

Source Sans Pro – *Source Sans Pro*

Light + Light Italic

Source Sans Pro – *Source Sans Pro*

Regular + Regular Italic

Source Sans Pro – *Source Sans Pro*

Semi Bold + Semi Bold Italic

Source Sans Pro – ***Source Sans Pro***

Bold + Bold Italic

Source Sans Pro – ***Source Sans Pro***

Black + Black Italic

Source Sans Pro – ***Source Sans Pro***

b

Light

Thirsty Rough

Light Three

Thirsty Rough

Light Shadow

Thirsty Rough

Bold

Thirsty Rough

Bold Three

Thirsty Rough

Bold Shadow

Thirsty Rough

• **Família Tipográfica (type family)**

Consiste no conjunto de fontes tipográficas, planejadas e desenhadas com algumas características semelhantes, mantendo a harmonia no desenho dos glifos (figura 3.2a). Uma família também pode ser composta por fontes que possuam funcionalidades de aplicação específicas, permitindo que sejam utilizadas em conjunto, buscando soluções diferenciadas (figura 3.2b). As variações mais comuns correspondem à inclinação, ao peso e à largura dos caracteres.

FIGURA 3.2
Famílias tipográficas organizadas por variação de peso (a) e por diferentes desenhos (b).

AGNES OLIVEIRA BORGES



- **Tipografia (*typography*)**

Antigamente, denominava um método de impressão que consistia em pressionar peças de chumbo com os grafismos dos glifos entintados sobre o papel. Atualmente, corresponde ao estudo e ao desenvolvimento de materiais gráficos com base no tratamento de textos. Quando falamos, por exemplo, “a tipografia deste cartaz”, não estamos falando apenas da fonte, mas sim do conjunto da fonte e da maneira pela qual ela foi utilizada, como, por exemplo, dimensão, alinhamentos, composição, espaços, contrastes etc.

- **Alfabeto (*alphabet*)**

Possui relação com o conjunto de sinais empregados para representar um idioma, como, por exemplo, alfabeto latino, alfabeto grego, alfabeto cirílico, alfabeto árabe etc. Podem ser utilizados em mais de um idioma, como acontece com o alfabeto latino que é empregado para o português, o inglês, o francês, o espanhol, entre outros (figura 3.3).

Alfabeto Latino

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn
Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Ww Xx Yy Zz ...

Alfabeto Cirílico

Аа Бб Вв Гг Дд Ее Жж Зз Ии Йй Кк Лл Мм
Нн Оо Пп Рр Сс Тт Уу Фф Хх Цц Чч Шш
Щщ Ъъ Ыы Ьь Ээ Юю Яя ...

Alfabeto Grego

Αα Ββ Γγ Δδ Εε Ζζ Ηη Θθ Ιι Κκ Λλ Μμ Νν
Ξξ Οο Ππ Ρρ Σσς Ττ Υυ Φφ Χχ Ψψ Ωω

FIGURA 3.3
Exemplos de alfabetos.

AGNES OLIVEIRA BORGES

- **Caixa (case):**

O termo caixa teve origem histórica nos tipos em metal, quando determinados glifos ficavam na caixa superior (alta) e outros na inferior (baixa). Atualmente, o termo **caixa-alta** (*uppercase*), também chamado de capital ou versal, é utilizado para descrever os caracteres conhecidos normalmente como maiúsculos. Por sua vez, o termo **caixa-baixa** (*lowercase*) é utilizado para descrever as minúsculas. Ainda existem fontes que possuem uma **caixa única** (*unicase*), nas quais não existe diferença formal entre as maiúsculas e as minúsculas (figura 3.4).

Filosofia - caixa-alta
.....

CAIXA-ALTA

Filosofia - caixa-baixa
.....

caixa-baixa

Filosofia - caixa-única
.....

unicase

FIGURA 3.4
Variações de caixa.

AGNES OLIVEIRA BORGES

- **Versaletes (*smallcaps*):**

Por fim, outro termo importante diz respeito aos versaletes (*smallcaps*), que são caracteres maiúsculos desenhados com altura próxima aos minúsculos, sendo usados, frequentemente, para amenizar o tamanho exagerado das maiúsculas no meio da mancha de texto, principalmente em siglas e em autores de citações. Quanto a esse aspecto, é necessário certo cuidado, pois o computador possui a opção de gerar os versaletes automaticamente e, muitas vezes, faz isso de uma maneira improvisada, gerando versaletes falsos, que não são compatíveis com as espessuras das hastes dos glifos restantes (figura 3.5).

Versalete falso (Myriad)

.....

VERSALETE

ERA UMA VEZ UMA JOVEM ALDEÃ, a mais bonita que fosse dado ver, a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um capucho vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo lado lhe chamavam Capuchinho Vermelho.

Versalete verdadeiro (Kepler)

.....

VERSALETE

ERA UMA VEZ UMA JOVEM ALDEÃ, a mais bonita que fosse dado ver, a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um capucho vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo lado lhe chamavam Capuchinho Vermelho.

FIGURA 3.5
 Versaletes falsos
 e verdadeiros.

AGNES OLIVEIRA BORGES
 MARIA TERESA KUREK

- **Algarismos (*figures*):**

Os algarismos correspondem aos glifos que representam os números nas fontes tipográficas (figura 3.6). Normalmente, uma fonte tipográfica profissional contém diversos conjuntos de algarismos para usos distintos, dos quais os principais são obtidos dos cruzamentos entre os de título, ou alinhados (*lining figures*), os de texto (*oldstyle figures*), os tabulares (*tabular figures*) e os proporcionais (*proportional figures*).



FIGURA 3.6
Diferentes tipos
de algarismos
em uma mesma
fonte tipográfica.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

Exemplo de uso correto
.....

CAPÍTULO 1

Vou tentar ver se ainda sei tudo que sabia. Deixe-me ver 4 vezes 5 são 12 e 4 vezes 6 são 13 e 4 vezes 7 são... nossa! Eu nunca vou chegar a vinte desse jeito! Entretanto a tabuada não quer dizer nada: vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, e Roma é... não, não, está tudo errado.

Kepler

Alinhados proporcionais (título)
Estilo antigo proporcionais (texto)

Exemplo de uso incorreto
.....

capítulo 1

Vou tentar ver se ainda sei tudo que sabia. Deixe-me ver 4 vezes 5 são 12 e 4 vezes 6 são 13 e 4 vezes 7 são... nossa! Eu nunca vou chegar a vinte desse jeito! Entretanto a tabuada não quer dizer nada: vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, e Roma é... não, não, está tudo errado.

Kepler

Alinhados tabulares (título e texto)

FIGURA 3.7
Uso de algarismos em textos.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

Os algarismos de título e os de texto têm seu uso indicado de acordo com a opção de adequação ao estilo de diagramação utilizada, sendo que os algarismos de texto permitem, assim como os versaletes, uma melhor integração com os textos em caixa-baixa (figura 3.7).

Os algarismos tabulares são planejados para quando se necessita de alinhamento vertical entre os números, como, por exemplo, uma tabela. Os proporcionais, como possuem larguras diferentes, são mais indicados para textos corridos, como, por exemplo, frases e parágrafos.

- **Sistemas de medidas:**

As fontes tipográficas são frequentemente medidas em pontos, e o tamanho resultante desses pontos indica o corpo da fonte. Como exemplo, temos as fontes corpo 10, 12, 16 etc. Essa medida corresponde, na maioria dos casos, ao tamanho geral médio dos glifos, contudo, dois tipos com a mesma medida em pontos podem ter tamanhos reais diferentes (figura 3.8).



FIGURA 3.8
Sistemas de medidas
e suas relações entre
corpo e tamanho.
AGNES OLIVEIRA BORGES

Open Sans 48 pt
Adobe Garamond 48 pt

Uma das medidas mais importantes, considerando que o padrão de leitura do alfabeto latino é em caixa-baixa, é a identificação da altura-de-x, que representa, mais efetivamente, o tamanho do corpo da letra (figura 3.9). Como não existe um meio fácil de fazer essa medição, é aconselhável sempre fazer testes de leitura para verificar e para adequar o tamanho das letras.



FIGURA 3.9
Diferentes corpos
para obtenção da
mesma altura-de-x.
AGNES OLIVEIRA BORGES

• **Espessura das hastes:**

Representa a intensidade de preto com que os glifos de uma determinada fonte foram desenhados. Por exemplo, em uma família tipográfica tradicional de tamanho médio, teremos glifos que vão do *light* ao *black*. A espessura das hastes também é chamada de peso. É importante notar que o peso mais indicado para uma leitura extensa é identificado, na maioria dos casos, como *book*, ou regular, sendo chamado de “peso de livro”, no qual as relações entre brancos e pretos dos glifos são estudadas para otimizar o processo de leitura (figura 3.10).

• **Largura dos glifos:**

Corresponde à proporção horizontal dos glifos, podendo variar desde os mais estreitos até os mais expandidos. Novamente, a proporção mais indicada para textos longos é a regular, ou normal, na qual reconhecemos facilmente os padrões tradicionais de leitura (figura 3.11).



FIGURA 3.10
Diferentes variações de espessura das hastes gerando diferentes pesos.

AGNES OLIVEIRA BORGES

FIGURA 3.11
Diferentes variações de largura dos glifos gerando diferentes proporções.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

- **Postura dos glifos**

As fontes tipográficas podem ser desenhadas considerando sua postura, que varia, tradicionalmente, entre romanos (ou redondos) e itálicos. A diferença básica, à primeira vista, é a inclinação dos glifos, que pode ser percebida facilmente. Contudo, a diferença principal entre romano e itálico está na estrutura dos caracteres, na sua fluidez, tanto que podem existir romanas oblíquas e itálicas verticais (figura 3.12).

Veja nos exemplos as seguir as diferenças:

Helvetica - romana
.....

AaBbCcDdEeFf

Helvetica - romana oblíqua
.....

AaBbCcDdEeFf

Open Sans - romana
.....

AaBbCcDdEeFf

Open Sans - itálica
.....

AaBbCcDdEeFf

Bree Serif - itálica vertical
.....

AaBbCcDdEeFf

FIGURA 3.12
Diferenças entre
romanas e itálicas.
AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

3.2 CLASSIFICAÇÃO

A classificação tipográfica é um campo de estudos amplo e requer um minucioso aprofundamento sobre seus diferentes aspectos. As classificações podem ter origem em uma abordagem histórica, em uma abordagem de utilização, em uma abordagem formal etc. Para os objetivos desse estudo, será utilizada e discutida uma proposta de classificação mais simplificada, como uma introdução às características e às particularidades da tipografia.

Assim, conforme a figura 3.13, dividiremos o universo da tipografia ocidental nas seguintes categorias:



FIGURA 3.13
Classificação tipográfica.
AGNES OLIVEIRA BORGES

3.2.1 GÓTICAS

A escrita gótica foi pioneira na adaptação para utilização em tipos móveis. Muito usada em textos na Europa e, principalmente, na Alemanha, no período da Idade Média. Esses tipos apresentam diversas variações. Possuem alto contraste entre as hastes, com ênfase em quebras e em diagonais. São fortemente baseadas na caligrafia (figura 3.14).



FIGURA 3.14

Góticas.

AGNES OLIVEIRA BORGES

Recomendações de uso/restrições:

- › São fontes de pouco uso em textos longos.
- › São utilizadas para títulos, como, por exemplo, aplicações em marcas de produtos, CDs etc., quando se necessita uma abordagem clássica, ou mesmo agressiva.

Efeitos produzidos:

- › Geram uma mancha de texto escura devido ao peso dos glifos e, salvo exceções, de difícil legibilidade para leitores ocidentais.
- › Produzem um efeito de tradição, detalhe e força.

Aplicações



FIGURA 3.15
 Góticas em uso.

YELLOW/HANDE ÜNVER
[behance.net/gallery/11638017/Yellow](https://www.behance.net/gallery/11638017/Yellow)
 TIPOS LATINOS 2012. SANTA FE/DANIELA RIVEROS
[behance.net/gallery/5259209/Tipos-Latinos-2012-Santa-Fe](https://www.behance.net/gallery/5259209/Tipos-Latinos-2012-Santa-Fe)
 ETIQUETAS DE CERVEZA/SOLANGE SAAVEDRA
[behance.net/gallery/40942813/Etiquetas-de-Cerveza-\(Caligrafia-gotica\)](https://www.behance.net/gallery/40942813/Etiquetas-de-Cerveza-(Caligrafia-gotica))

3.2.2 SERIFADAS

Serifas são traços que aparecem no início ou no final da haste de uma letra. Os tipos serifados derivam das capitulares romanas e unciais, utilizadas pelos monges copistas. Por essa categoria ser estabelecida como o padrão de leitura em textos longos há vários séculos, podem melhorar a leitura dos caracteres, pois as serifas auxiliam na condução dos olhos durante a leitura. Aqui, os tipos serifados são apresentados em seis categorias diferentes, conforme as características do período em que foram produzidos.

Essa categoria específica, para fins de melhor compreensão, foi dividida em subcategorias. São elas:

- **Estilo Antigo**

Categoria frequentemente utilizada na diagramação de revistas e de livros. Na abordagem proposta por nós, o estilo antigo compreende desde as fontes baseadas na caligrafia humanista (as primeiras a serem desenvolvidas) até as fontes nas quais o desenho começou a definir os seus principais detalhes, dando mais liberdade conceitual ao tipógrafo de antigamente. Possui um contraste moderado entre os traços (figura 3.16).



FIGURA 3.16
Serifadas – estilo antigo.
— AGNES OLIVEIRA BORGES
— MARIA TERESA KUREK

Recomendações de uso/restrições:

- › São fontes tradicionalmente indicadas para uso em textos longos.
- › A sua utilização em corpos pequenos, abaixo de 8 pontos, deve ser feita com muito cuidado, pois alguns detalhes podem sumir (desaparecer da página).

Efeitos produzidos:

- › As serifas auxiliam na definição do desenho da letra, indicando a transição de uma letra à outra e facilitando na compreensão da palavra desenhada.
- › A suave transição grosso-fino gera uma mancha de texto, nem muito leve, nem muito pesada, sendo ideal para grandes volumes.

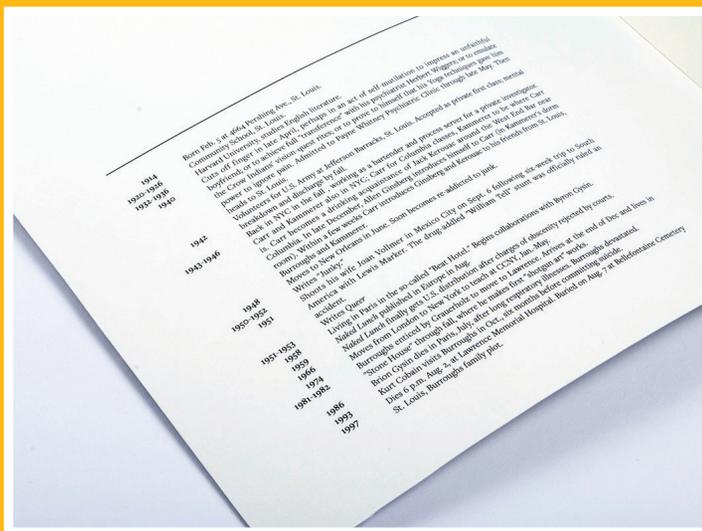
FIGURA 3.17

Serifadas – estilo antigo – em uso.

SIGGI'S RASPBERRY/SIGGI'S DAIRY
siggisdairy.com/product/raspberry-filmjolk

THE GREAT WRITER SERIES/BRIAN LIU
behance.net/gallery/41165799/The-Great-Writer-Series

Aplicações



- **Estilo Moderno**

Categoria utilizada com menor ênfase na diagramação de revistas e de livros. O estilo moderno compreende as fontes desenhadas com contraste muito acentuado entre seus traços, por isso são utilizadas mais comumente para títulos (figura 3.18).



FIGURA 3.18

Serifadas –
estilo moderno.AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK**Recomendações de uso/restrições:**

- › São fontes tradicionalmente indicadas para uso em textos longos, contudo, deve ser utilizada com bastante parcimônia, pois o seu contraste acentuado pode prejudicar a leitura.
- › A sua utilização em corpos pequenos, salvo alguns casos, deve ser evitada por questões de legibilidade.

Efeitos produzidos:

- › As serifas e o contraste bem marcados formam uma trama bem delineada, o que pode ocasionar alguns problemas de leitura devido à semelhança de todos os traços.
- › A acentuada transição grosso-fino gera uma mancha de texto normalmente mais pesada que a do estilo antigo.

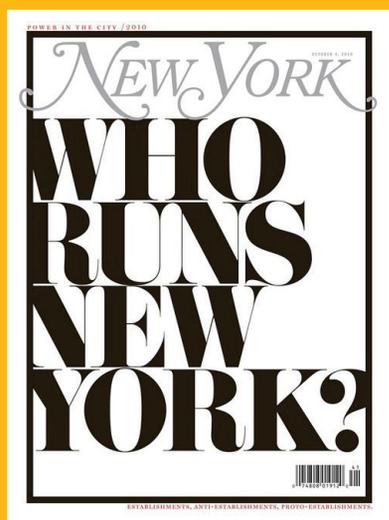
FIGURA 3.19

Serifadas – estilo moderno – em uso.

NEW YORK OCT 4, 2010/NEW YORK MAGAZINE
nymag.com/nymag/toc/20101004

HARPER'S BAZAAR SEP, 2015/HARPER'S BAZAAR MAGAZINE
settingfour.com/pantone-announces-two-colors-of-the-year-2016/

JITZU FAMILY – FONT/ANTHONY JAMES
behance.net/gallery/36471403/Jitzu-Family-Font

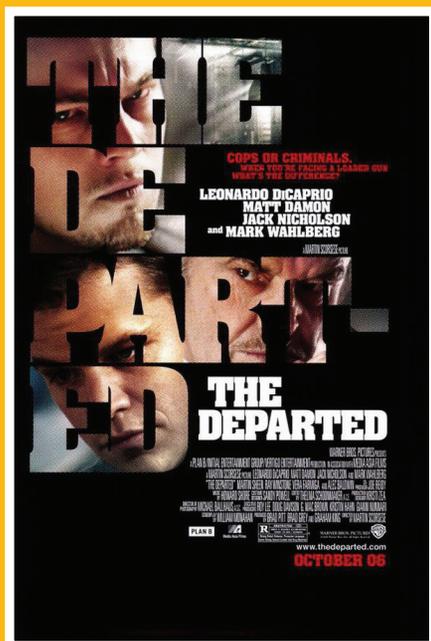


- **Serifas Quadradas**

Categoria que surgiu durante a Revolução Industrial. É frequentemente utilizada para projetos de revistas e para títulos em geral (figura 3.20).



FIGURA 3.20
Serifadas -
serifa quadrada.
AGNES OLIVEIRA BORGES



Recomendações de uso/restrições:

- › São fontes tradicionalmente indicadas para uso em textos curtos, pois a falta de contraste entre os traços faz com que o texto se torne um pouco pesado.
- › Possui bastante resistência a reduções de tamanho devido ao contraste reduzido e às serifas espessas.

Efeitos produzidos:

- › Conotam força e resistência.
- › Podem ser utilizadas quando for necessário legibilidade em corpos pequenos, devido à facilidade de reconhecimento dos caracteres.
- › O contraste pequeno, ou mesmo nulo, gera uma mancha de texto pesada e densa.

FIGURA 3.21

Serifadas – serifa quadrada – em uso.

THE DEPARTED/WARNER BROS. PICTURES
hative.com/cool-typographic-posters-for-movies

CARTAZES TIPOGRAFICOS MUSICAIS/EDUARDO FRANCO
creatives.com.br/2013/06/cartazes-tipograficos-musicais/cartazes-musicais-9

THIS IS WATER/DAVID FOSTER WALLACE
manic.com.sg/water

3.2.3 SEM SERIFAS

As fontes sem serifas possuem um desenho mais limpo, com traços normalmente mais simples. Seu contraste é baixo ou praticamente nulo, com bastante uniformidade no desenho. Embora nem todas as fontes sem serifas possam ser recomendadas para textos longos, atualmente existem bons exemplos que permitem um excelente resultado (figura 3.22).

FIGURA 3.22
Sem serifas.
AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK



Recomendações de uso/restrições:

- › Pode ser utilizada para textos médios, além de livros que possuem leitura fragmentada, ou seja, que possuem interrupções como fotos, gráficos, ilustrações em intervalos pequenos e regulares.
- › Normalmente possuem grande resistência à reduções.
- › Ideal para trabalhar contrastes de pesos, pois, em geral, as fontes dessa categoria fazem parte de famílias grandes com muitas variações de peso.

Efeitos produzidos:

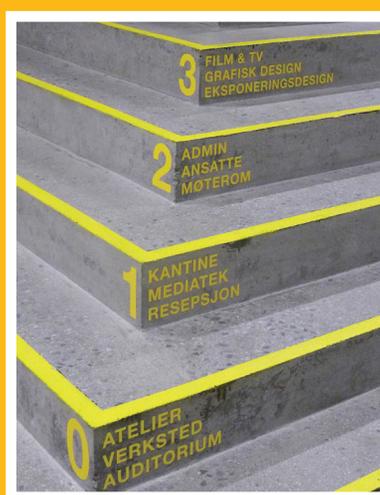
- › Os blocos de texto terão variação de peso conforme a fonte utilizada.
- › Essas fontes traduzem bem os conceitos de tecnologia.

FIGURA 3.23
Sem serifa em uso.

FRENCH/BOHYUN KIM; JAE EUNN KIM; HAEUN JEONG
behance.net/gallery/38590251/Glacon-(Cosmetics-Packaging)

WAYFINDING WESTERDALS/MARIUS HOLTMON, METTE LANDSEM;
MADELEINE SKJELLAND ERIKSEN
behance.net/gallery/Wayfinding-Westerdals/5800047

DOISY & DAM PACKAGING/SHUT UP STUDIO
behance.net/gallery/30270829/Doisy-Dam-Packaging-(new-range-development)



3.2.4 MANUSCRITAS

As fontes manuscritas apresentam grande variedade de estilos e de abordagens, mas possuem uma forte referência na simulação da escrita manual. A grande diversidade resultante é derivada da multiplicidade de ferramentas de escrita existentes, bem como de estilos utilizados (figura 3.24).



FIGURA 3.24

Manuscritas.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

Recomendações de uso/restrições:

- › São fontes de pouco uso em textos longos.
- › São empregadas em títulos e possuem pouquíssima legibilidade em caixa-alta.
- › Quando mal utilizadas, o resultado costuma ser desastroso.

Efeitos produzidos:

- › Transmitem diferentes conceitos de acordo com a proposta da fonte, desde clássico até o extrovertido/divertido.

FIGURA 3.25**Manuscritas em uso.**

BERRY GOOD AÇAÍ/BRAND&BROS DZ.
behance.net/gallery/29519123/BERRY-GOOD-ACAI

LA PETITE JOIE/ELENA MALKOVA
behance.net/gallery/43211173/La-Petite-Joie

CHURCH & STATE WINES – SIGNATURE SERIES/JACKSON ALVES
behance.net/gallery/42671499/Church-State-Wines-Signature-Series



3.2.5 DECORATIVAS

São fontes que possuem características visuais acerca de uma dada temática conceitual. Seu uso deve ser pensado como uma ilustração, e não apenas como veículo de linguagem textual (figura 3.26).



FIGURA 3.26

Decorativas.

AGNES OLIVEIRA BORGES

Recomendações de uso/restrições:

- › São utilizadas quase que exclusivamente para títulos.
- › São tipos difíceis de combinar, por isso o uso moderado é a principal recomendação.
- › É importante procurar não utilizar mais que uma fonte decorativa no mesmo trabalho.

Efeitos produzidos:

- › Pode ser obtida uma grande adequação conceitual com o conteúdo do texto composto.
- › Transmitem diferentes conceitos de acordo com a proposta da fonte.

FIGURA 3.27

Decorativas em uso.

CHARMING/ANASTASIA DIMITRIADI
behance.net/gallery/28483675/CharmingNET MAGAZINE/FUTURE PLC.
creativebloq.com/netmag/net-money-issue-out-now-51620410BOLYAR ORNATE PRO/THE FONTMAKER; THE LABELMAKER; JORDAN JELEV;
VASSIL KATELIEV
behance.net/gallery/43083663/Bolyar-Ornate-Pro-font-family-by-the-Fontmaker

3.2.6 PIXEL

As fontes pixeladas foram criadas, originalmente, para serem lidas em telas de computador. Contudo, não demorou muito para que ganhassem espaço no meio impresso (figura 3.28).



FIGURA 3.28
Fontes pixel.

AGNES OLIVEIRA BORGES

Aplicações



Recomendações de uso/restrições:

- › São fontes de pouco uso em textos impressos longos.
- › São utilizadas, principalmente, para títulos.

Efeitos produzidos:

- › Transmitem frequentemente o conceito de tecnologia, fazendo referência ao mundo digital.



FIGURA 3.29
Fontes pixel em uso.

CHIPART/NEIL PITMAN
<https://www.behance.net/gallery/17174315/ChipArt>
 FREE FONT: SABO/PHILIPPE MOESCH
[behance.net/gallery/16531089/Free-Font-Sabo](https://www.behance.net/gallery/16531089/Free-Font-Sabo)
 MEETING PIXEL ART FONT/ALEPH CORPORATION
[behance.net/gallery/29519391/Meeting-PIXEL-ART-FONT-](https://www.behance.net/gallery/29519391/Meeting-PIXEL-ART-FONT-)

3.3 CONFORTO DE LEITURA

Para entendermos um pouco como ocorre o processo de percepção das letras em nosso cérebro, é importante partirmos da premissa de que o cérebro lê a mensagem (o código linguístico) pelo desenho da palavra (figura 3.30) e não pela junção das letras. Podemos, facilmente, perceber isso ao fazer uma leitura distraída de um texto. Nessa experiência de leitura, constatamos que algumas palavras são trocadas, no ato da leitura, por outras que sejam muito semelhantes visualmente. Por exemplo, poderemos trocar “pato” por “gato”, “preto” por “perto” etc. (figura 3.31).

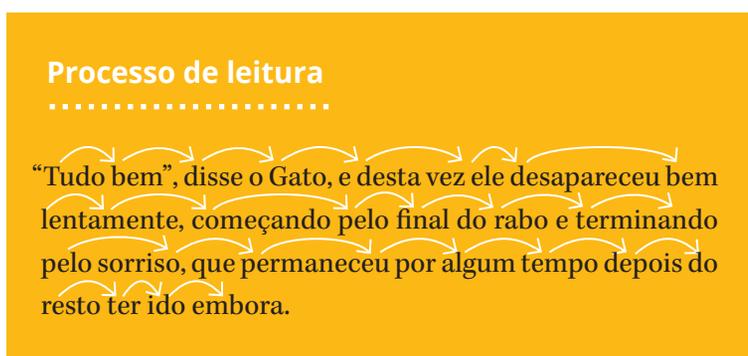


FIGURA 3.30
Esquema do
processo de leitura.
AGNES OLIVEIRA BORGES

FIGURA 3.31
Processo de leitura e
palavras semelhantes.
AGNES OLIVEIRA BORGES



Assim, é possível perceber que a apresentação visual do texto contribui em alto grau para o tempo de leitura. A partir dos elementos menores de diagramação (espaços entre cada uma das letras, espaços entre as palavras, contraste da tinta com o papel etc.) podemos produzir efeitos mais convidativos à leitura, ou manchas de texto que poderão induzir a um rápido cansaço visual no leitor.

Os termos mais recorrentes sobre esse assunto, quando estudamos tipografia, são legibilidade, leiturabilidade e visibilidade.

3.3.1 LEGIBILIDADE

Legibilidade refere-se ao reconhecimento dos caracteres tipográficos de forma mais isolada, ou seja, é o reconhecimento individual das letras. Cada fonte possui um desenho específico que permite maior ou menor legibilidade. É importante percebermos que a legibilidade mantém uma relação estreita com os padrões de leitura instituídos. Estamos, há aproximadamente cinco séculos, acostumados a ler textos longos com um determinado tipo de letra, normalmente uma letra tradicional com serifas, e isso influencia nossa percepção por meio dessa exposição constante.

A legibilidade, também, pode ser influenciada por meio das diferenças e das semelhanças entre os caracteres de uma determinada fonte. Por um lado eles precisam ser diferentes entre si para que percebamos a individualidade de um “a” e de um “o”, por exemplo, mas por outro lado precisam ter semelhanças entre caracteres para possuírem uma identidade visual e para serem parte de uma mesma fonte.

Veja a seguir, na figura 3.32, algumas questões que influenciam a legibilidade.

Os textos em caixa-alta permitem uma legibilidade menor do que os textos em caixa-baixa, sendo utilizados, basicamente, apenas em títulos. Isso se deve ao fato do desenho formado ao redor dos textos em caixa alta não produzirem praticamente nenhuma variação em todas as palavras que o compõem. Já os textos em caixa-baixa, pela variação de altura das hastes das letras, produzem desenhos diferenciados em cada palavra, facilitando o trabalho do cérebro no reconhecimento de cada palavra e produzindo uma sensação confortável na leitura, principalmente em grandes volumes de textos.

Legibilidade

Minion

ao ao **lll** **lll** **mrn** **mrn**

“Qual a semelhança entre um corvo e uma escrivanhina?”

Playbill

ao ao **lll** **lll** **mrn** **mrn**

“Qual a semelhança entre um corvo e uma escrivanhina?”

Bauhaus

ao ao **lll** **lll** **mrn** **mrn**

“Qual a semelhança entre um corvo e uma escrivanhina?”

Open Sans

ao ao **lll** **lll** **mrn** **mrn**

“Qual a semelhança entre um corvo e uma escrivanhina?”

FIGURA 3.32
Legibilidade.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

3.3.2 LEITURABILIDADE

Esse termo descreve a qualidade do conforto visual de leitura, referindo-se a sua compreensão. Por exemplo, maior conforto de leitura pode fazer com que o leitor se dedique à leitura de um texto por um tempo maior sem se cansar. Aqui, não estamos nos referindo à construção verbal, ou da dificuldade conceitual de um texto, mas de sua apresentação visual.

Assim, a legibilidade possui maior relação com o conjunto dos caracteres em si e com sua aplicação na composição do texto. Uma fonte com caracteres de excelente legibilidade pode resultar em um texto com péssima ou com ótima legibili-

dade, pois o uso que se fizer dessa fonte afetará muito o conforto de leitura.

Textos pequenos ou textos grandes demais (entrelinhas muito apertadas, ou muito abertas, espaços entrepalavras e entreletras desajustados, cor do texto e do fundo etc.) são dois fatores que podem influenciar a legibilidade. Outra questão muito importante é que dificilmente conseguiremos desenvolver um texto com um bom conforto de leitura a partir de uma fonte com baixa legibilidade, pois o primeiro elemento de leitura, a letra, apresentará problemas de identificação (figura 3.33).

Legibilidade

Padrão de leitura adequado

Fonte de alta legibilidade (Minion)

“Que sensação estranha”, disse Alice: “Eu devo estar encolhendo como um telescópio!”

E daí era fato, ela estava agora com apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto resplandeceu ao pensar que aquele era o tamanho exato para atravessar a portinha em direção ao adorável jardim. Primeiro, entretanto, ela esperou alguns minutos para ver se ainda iria encolher: ela sentiu-se um pouco nervosa em relação ao fato “porque isso pode resultar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “em eu sumir como uma vela”.

Padrão de leitura inadequado

Fonte de baixa legibilidade (Mistral)

“Que sensação estranha”, disse Alice: “Eu devo estar encolhendo como um telescópio!”

E daí era fato, ela estava agora com apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto resplandeceu ao pensar que aquele era o tamanho exato para atravessar a portinha em direção ao adorável jardim. Primeiro, entretanto, ela esperou alguns minutos para ver se ainda iria encolher: ela sentiu-se um pouco nervosa em relação ao fato “porque isso pode resultar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “em eu sumir como uma vela”.

Padrão de leitura inadequado

“Que sensação estranha”, disse Alice: “Eu devo estar encolhendo como um telescópio!”

E daí era fato, ela estava agora com apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto resplandeceu ao pensar que aquele era o tamanho exato para atravessar a portinha em direção ao adorável jardim. Primeiro, entretanto, ela esperou alguns minutos para ver se ainda iria encolher: ela sentiu-se um pouco nervosa em relação ao fato “porque isso pode resultar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “em eu sumir como uma vela”.

FIGURA 3.33
Legibilidade.
AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

3.3.3 VISIBILIDADE

Outro termo importante que diz respeito ao processo de leitura é a visibilidade. Esse conceito tem maior relação com o uso das fontes em tamanhos maiores (títulos). Por exemplo, em uma revista temos o título da matéria, em uma embalagem temos a marca do produto, em uma placa de sinalização temos as orientações escritas etc. (figura 3.34).

Esse conceito trata mais da resistência visual do que de um determinado tipo de letra. Quando lemos um *outdoor*, por exemplo, além das questões de legibilidade dos caracteres, ou seja, se são mais ou menos facilmente reconhecidos, ainda precisamos considerar se ele resiste ou não à distância de observação do leitor.



FIGURA 3.34
Visibilidade.

AGNES OLIVEIRA BORGES
MARIA TERESA KUREK

3.4 COMPORTAMENTO DO TEXTO

A monumentalidade das maiúsculas, o volume, o volume dos tipos *bold*, o fluxo caligráfico e (na maioria das vezes) a inclinação do itálico destacam-se de modo eficaz sobre um fundo romano pacífico e predominantemente perpendicular. Experimente reverter essa ordem: o texto não irá apenas parecer peculiar; irá também causar desconforto físico ao leitor (BRINGHURST, 2008, p. 63).

A afirmação acima ilustra o que se espera de um texto bem apresentado visualmente, ou seja, traduz o desejo de que a leitura ocorra de forma natural. Para tal, é necessária a compreensão dos conceitos e dos princípios básicos da diagramação.

3.4.1 MANCHA DE TEXTO

A união de caracteres em palavras, de palavras em frases e de frases em parágrafos forma a mancha de texto (a área de cobertura do texto sobre o fundo). Dependendo do tamanho e do peso dos caracteres e dos espaços utilizados, essa mancha poderá ser mais clara ou mais escura. Quanto mais espessos os traços que formam as letras, mais escura será essa mancha. Quanto mais finos os traços, maior será a área do fundo que aparecerá, tornando mais leve a mancha de texto. Além do desenho da letra, pelo menos outros três itens também contribuem para definir a intensidade da mancha: os espaços entre as letras de uma palavra; os espaços entre as palavras de uma frase, e os espaços entre as frases de um texto.

Essa mancha de texto é a indicação que possuímos para avaliar e para desenvolver uma diagramação mais adequada à leitura. Observe na imagem a seguir (figura 3.35), alguns exemplos de manchas de texto aplicadas a produtos gráficos.

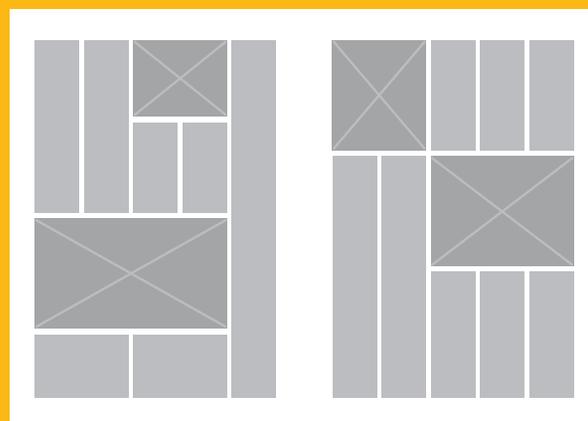


Manchas de texto

Livro



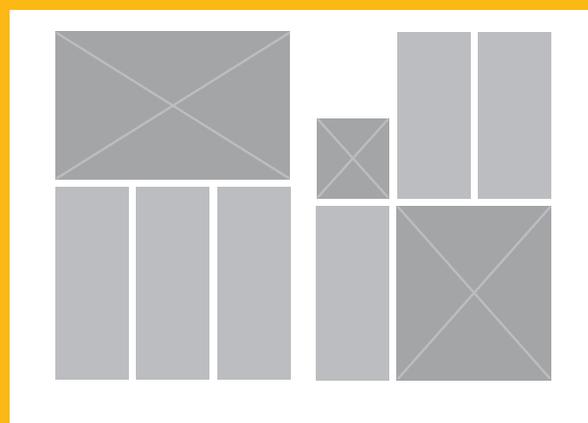
Jornal



Livro



Revista



Por meio da mancha de texto podemos identificar o alinhamento das linhas de um texto. Os tipos mais comuns são à esquerda, à direita, centralizado e justificado. Nesses alinhamentos, os espaços entre as letras e palavras serão iguais, com exceção do justificado, no qual os espaços são forçados para construir um bloco de texto com ambas as bordas verticais (figura 3.36).

FIGURA 3.35
Manchas de texto.
MARIA TERESA KUREK

Alinhamentos

.....

À esquerda

Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas.

À direita

Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas.

Centralizado

Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas.

Justificado à esquerda

Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas.

FIGURA 3.36
Exemplos de
alinhamentos.

A indicação de uso das possibilidades de alinhamento passa pela facilidade com que o cérebro encontra o início e o final das frases para iniciar e para terminar a leitura. Assim, os textos justificados, ou seja, alinhados no início e no final, são indicados para grandes volumes, pois são os mais confortáveis de serem lidos. Os textos alinhados à esquerda, ficam em segundo lugar, visto que o início da frase é mais importante de ser rapidamente encontrado do que o final dela. Já os textos alinhados à direita e os centralizados são os que possuem maior nível de desconforto, devendo ser utilizados apenas em pequenas quantidades, caso necessário, pois os nossos olhos possuem dificuldade para encontrar o início de cada frase, uma vez que o alinhamento é irregular nesses dois tipos.

3.4.2 FONTES PARA USO EM TEXTO E EM TÍTULO

Antes de diagramar qualquer texto é importante escolher adequadamente a fonte que será utilizada, tanto para o corpo do texto como para os títulos. No campo da tipografia, podemos encontrar inúmeros e aprofundados estudos acerca das diferenças e das particularidades de cada fonte em termos de sua adequação a manchas de texto e também a corpos maiores. Aqui, simplificaremos esses aspectos, abordando essas questões de maneira sucinta.

Algumas fontes são desenhadas especificamente para títulos, ou seja, para uso em corpos maiores ou com pouca quantidade de texto, e outras que são desenhadas para o corpo do texto, ou seja, para aplicação em corpos menores ou em grandes quantidades de texto (figura 3.37).

FIGURA 3.37
Exemplos de fontes
de texto e de título.
MARIA TERESA KUREK



Como auxílio para compreender esse conceito (fontes de texto e fontes de título), podemos retomar o conceito de legibilidade, ou seja, o reconhecimento dos padrões tradicionais de leitura. Nesse caso, quando lemos um título, nossa leitura pode ser mais lenta, nossos olhos podem demorar mais em determinados momentos para entender, ou mesmo para decifrar algum caractere que não seja muito legível, sem prejudicar significativamente a leitura, pois a quantidade de texto é pequena.

No entanto, quando vamos ler uma quantidade grande de texto, é importante que o trajeto do nosso olhar seja feito de forma fluída e consistente. Para que isso aconteça é crucial que a fonte escolhida seja compatível com os padrões de legibilidade. Como o corpo é relativamente pequeno, normalmente variando entre 8 e 12 pontos, é aconselhável usar uma fonte simples, sem muitos detalhes ornamentais.

As fontes mais ornamentadas e manuscritas são mais adequadas para títulos do que para textos, enquanto que as fontes de texto, como as Serifadas e Sem Serifas tradicionais, são mais indicadas para textos, e também podem ser utilizadas em títulos, na maioria das vezes, sem problema algum (figura 3.38).



Exemplos de uso

.....

CORRETO

A porta

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas... mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

A porta

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas... mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

INCORRETO

A porta

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

A porta

ALICE ABRIU A PORTA E VIU QUE DAVA PARA UMA PEQUENA PASSAGEM, NÃO MUITO MAIOR QUE UM BURACO DE RATO: ELA AJOELHOU-SE E AVISTOU O MAIS ADORÁVEL JARDIM QUE JAMAIS VIRA. COMO ELA GOSTARIA DE SAIR DAQUELA SALA ESCURA E PASSEAR POR ENTRE AQUELES CANTEIROS DE FLORES VIÇOSAS E AQUELAS FONTES GELADAS...MAS ELA NEM MESMO CONSEGUIRIA FAZER PASSAR SUA CABEÇA PELA PORTA; “E MESMO QUE A MINHA CABEÇA PASSASSE”, PENSOU A POBRE ALICE. “TERIA POUCA UTILIDADE SEM MEUS OMBROS”.

FIGURA 3.38
Exemplos de
uso de fontes de
texto e de título.
MARIA TERESA KUREK

Uma das regras fundamentais da diagramação quanto à escolha da fonte é que, quanto menor o corpo da letra que compõe o texto, mais simples deve ser seu desenho. Quanto mais ornamentado for seu desenho, maior deve ser o corpo a ser utilizado.

Outro aspecto importante é a distorção dos caracteres. O desenho das fontes é pensado para adequar-se aos padrões de legibilidade e para facilitar a leitura dos textos. O peso e o contraste de seus traços buscam certa proporção adequada à fluidez da leitura. Alguns programas de computador permitem manipular livremente essas proporções, possibilitando achatá-lo ou expandir a fonte horizontalmente e verticalmente e, até mesmo, fazer inclinações forçadas e distorções orgânicas (figura 3.39).

Distorção – Open Sans

.....

Exemplo

original

Exemplo

distorção vertical

Exemplo

distorção horizontal

Exemplo

distorção de inclinação

FIGURA 3.39
Exemplos de distorção

MARIA TERESA KUREK

Porém, essas distorções devem ser evitadas, uma vez que destroem as proporções dos traços, comprometendo a legibilidade. Caso seja necessário utilizar uma fonte mais apertada, ou expandida, é aconselhado escolher uma fonte que já possua essa característica no desenho original. Veja na figura 3.40 os resultados das distorções e sua relação com uma fonte desenhada para apresentar proporções semelhantes.

Distorção – Univers

Esta é a Univers
regular

Esta é a Univers
distorcida

Esta é a Univers
condensada

FIGURA 3.40
Distorção x largura
dos caracteres.
MARIA TERESA KUREK

3.4.3 ESPAÇOS EM BRANCO

Os espaços em branco são tão importantes quanto as letras para a adequada leitura de um texto. Simplificadamente, temos três tipos de espaços brancos dentro da mancha de texto: a entrelinha, a entrepalavra e a entreletra.

A **entrelinha** (figura 3.41) consiste nos espaços em branco gerados pelas distâncias das linhas de base de um texto. Por exemplo, um texto com entrelinha 12 terá a distância vertical de 12 pontos em cada linha de texto, partindo sempre da base dos caracteres, como o pé de um “n”.

A padronização dos espaços entre as linhas de um texto produz uma espécie de marcação rítmica. Se esse espaço for pequeno, principalmente em textos longos, a mancha se tornará pesada e o ritmo frenético. Todavia, com um espaço muito grande entre uma linha e outra, pode-se retardar demais a leitura, além de que um exagero de área branca não contribui em nada para valorizar o texto.

Entrelinhas

.....

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

FIGURA 3.41
Diferentes entrelinhas.

MARIA TERESA KUREK

O espaço entrelinhas pode variar conforme as características gerais dos elementos que compõem a mancha de texto. Os ajustes desse espaço devem ser pensados de forma a manter uma mancha agradável à leitura. Assim, na composição de um texto com tipos mais pesados, podemos compensar com mais área em branco entre as linhas. Esse mesmo raciocínio pode ser usado em relação ao contraste com a cor de fundo, com o desenho da letra, com o tamanho, com a utilização de gráficos e de outros elementos no meio do texto.

Usualmente, podemos indicar que a relação média de entrelinha para um texto é de aproximadamente 120%, ou seja, em um corpo de letra de 10 pt, teríamos uma entrelinha de 12 pt, e assim por diante. Esse padrão é indicado pela expressão 10/12. Podemos ter relações aproximadas de 9/11, 11/13, 12/15 etc.

Uma questão muito importante é observar a relação da entrelinha com a largura de coluna. Para uma coluna mais larga do que o normal, será necessário utilizar uma entrelinha maior e, em uma coluna mais estreita, a entrelinha pode ser menor. Utilizando o exemplo anterior, em uma coluna mais larga poderemos ter o corpo 10 pt e a entrelinha em 15 pt, ou seja, 10/15. Em uma coluna mais estreita, poderá ser necessário utilizar 10/10 ou 10/11. Mas isso depende muito do desenho dos caracteres da fonte empregada, e nada substitui alguns testes de impressão e de leitura para verificar se está confortável, ou não, a visualização do texto (figura 3.42).



Entrelinhas

.....

Kepler, 10pt

Entrelinha 13pt

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Entrelinha 15pt

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Entrelinha 17pt

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

FIGURA 3.42
Relação entre
largura de colunas
e entrelinhas.

MARIA TERESA KUREK

O espaço **entrepalavra**, como o nome sugere, é o intervalo entre o final de uma palavra e o início de outra. O reconhecimento da extensão de uma palavra é um dado importantíssimo para o processamento dessa palavra no cérebro. É o espaço que sofre maiores modificações quando o alinhamento do texto é justificado, pois é necessário ajustar os espaços para alinhar as linhas do texto à esquerda e à direita.

Em geral, alguns programas computacionais de editoração de texto podem determinar valores específicos de entrepalavras para alinhamentos à esquerda, à direita e centralizados, e mínimos e máximos para alinhamentos justificados.

A questão essencial dos espaços entrepalavras é que eles devem ter uma proporção adequada que permita separar as palavras, mas que elas ainda possam ser percebidas como parte de uma mesma linha (figura 3.43).

Espaço entrepalavra

.....

NORMAL	<p>Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.</p>
APERTADO	<p>Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.</p>
EXPANDIDO	<p>Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.</p>

FIGURA 3.43
Espaço entrepalavra.
MARIA TERESA KUREK

O espaço entreletra consiste na área branca formada pelo final de uma letra e o início da outra. A entreletra adequada é fundamental como elemento de construção da legibilidade dos caracteres. Fazendo uma analogia: cada caractere é como um ser vivo que precisa de um espaço ao seu redor para poder respirar; se estiver apertado, não consegue sobreviver; se estiver com muito espaço, acaba se isolando e perdendo sua identidade, ou seja, deixa de formar as palavras, tornando-se apenas letra (figura 3.44).

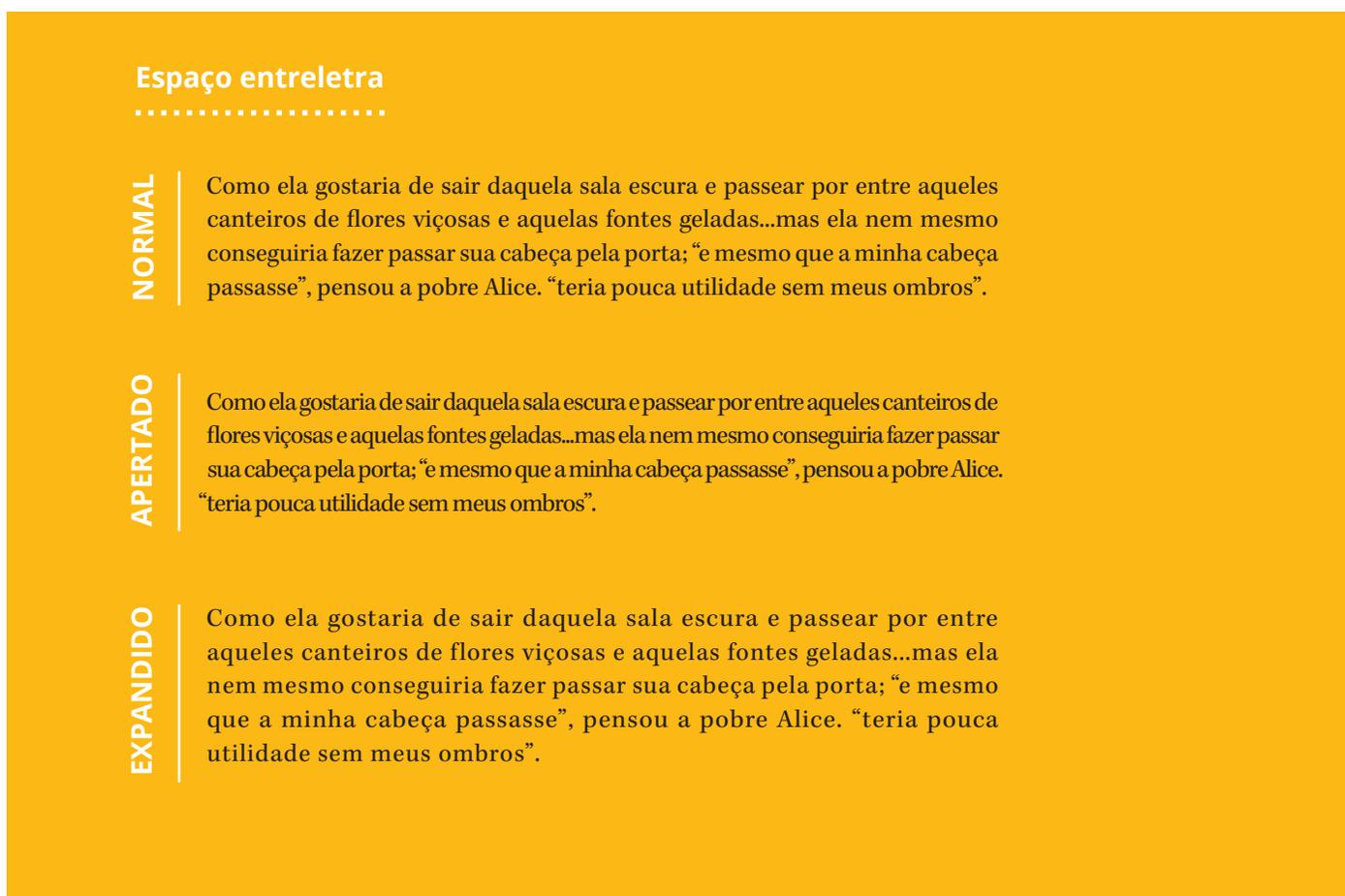


FIGURA 3.44
Espaço entreletra.
MARIA TERESA KUREK

Partindo do pressuposto que não lemos, necessariamente, as letras para entender uma palavra e sim o desenho formado por essas letras, dado em uma palavra, o espaçamento grande de letras é um recurso que se justificará em poucos casos.

Nas palavras em geral, principalmente em certas categorias de tipos com serifas, originárias historicamente de um desenho caligráfico, a estrutura de tais letras possui elementos chamados de ligaturas, que têm por função realizar as conexões internas dos glifos ao ligarem visualmente a sequência de letras que formam uma palavra. As ligaturas mais comuns são: fi, fl, ffi, ffl, porém ainda são encontradas fontes com um número muito superior de ligaturas que visam solucionar o espaço entreletra de forma otimizada (figura 3.45).



FIGURA 3.45
Ligaturas.
MARIA TERESA KUREK

Um espaço maior pode ser usado em siglas ou em letras em caixa-alta. Ao contrário das minúsculas que são lidas pelo seu conjunto, lemos mais lentamente as maiúsculas, pois, às vezes, precisamos ver as letras específicas e, nesse caso, um espaço a mais pode ajudar (figura 3.46).



FIGURA 3.46 Espaço entreletra para maiúsculas. MARIA TERESA KUREK

Para textos longos, se há uma espécie de lei geral para os espaços entreletra, entrepalavra e entrelinha é que (com raríssimas exceções) devemos aplicar nesses intervalos espaços negativos, ou seja, diminuí-los em referência ao que foi projetado inicialmente pelo tipógrafo. Como, por exemplo, colocar entrelinhas negativas e juntar demais as letras e as palavras. As áreas “brancas” são características muito importantes nos textos, tanto para momentos de descanso dos olhos quanto para a fácil identificação das palavras. Para textos de maior volume, a qualidade de conforto visual é um atributo do qual não se pode abrir mão (figura 3.47).

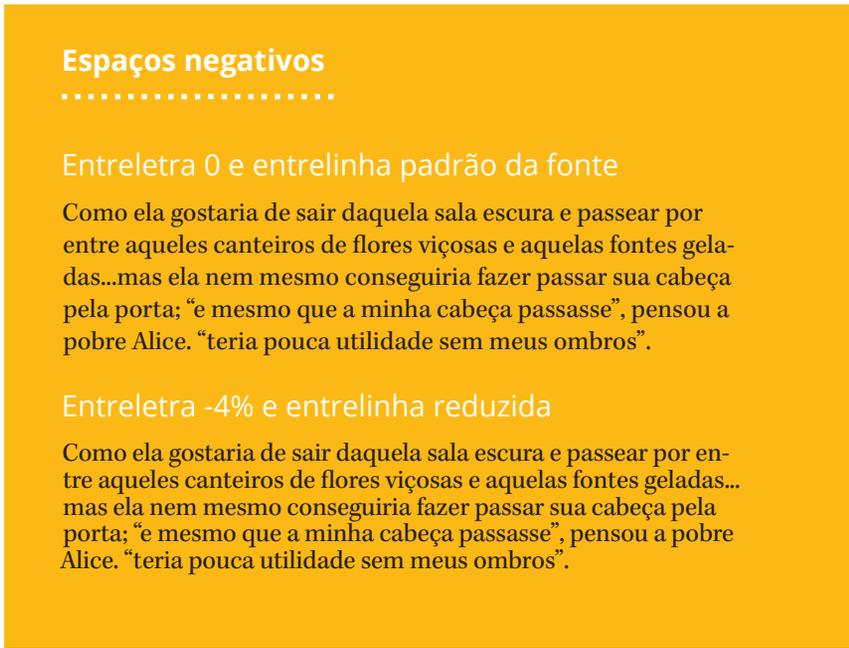


FIGURA 3.47 Espaços negativos. MARIA TERESA KUREK

A hifenização deve ser aplicada nos alinhamentos justificados para melhorar a distribuição dos espaços em branco, evitando “caminhos de rato” no meio do texto. É indicado também que textos alinhados à esquerda ou à direita não sejam hifenizados, para facilitar a leitura (figura 3.48).

Incorreto

Texto mal justificado

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas... mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “é mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

FIGURA 3.48
Problemas de
hifenização e
justificação.

MARIA TERESA KUREK

Não obstante, os títulos podem ter tratamento diferenciado, se necessário. Mesmo nesses casos não se deve abrir mão da padronização dos espaços, porém é interessante diferenciá-los do utilizado na mancha de texto. Os títulos marcam alguma mudança temática, e essa mudança deve ser indicada visualmente. Como são poucas palavras, ou mesmo uma frase apenas, os títulos permitem mais liberdade para tratar os espaços. Observe, na figura 3.49, algumas possibilidades, desde títulos mais tradicionais até títulos com o tratamento de espaços diferenciado.

Títulos

.....

Lorem Ipsum

Eprerrov itiumet quatem acesci officii squibeaque inullaut aut aceatur molupta tiatempore re rendi reriater. Nam aut aut lam excepressunt aut min estibusam est odia con comnis eos quo verfers peditat.

Onecto quas del in rate plamet harum res si cus earum remquas accae. Et quo te et ad ute doloribusam nusci sit quidusantios et alis magnis nam haris que vid ea sequi voluptis ex eatiisi sunte pa sandusae. Nem non pro incid modis dolorum fugia natem conserum adis alit dererro viduntotatus dolecae parumquo id magnis ratiuri bustoria.

ANTURIBUS

Anturibus corestiorro volum estrum aut omnis pe quiam et, officiuist ipis modit faccabo. At.

Fuga. Ma si re apitatiis reniscit reperio ium repedis suntem ut estis ra dollent iorersperate plibus voluptatior autemqu aeperiost ipsantur?

Arum rerro blabore ribuscipsae sum et apita ent rem est, quiaae deri de denda con ex ersperor sectiuribero to que sit late etusanto volupta quo eum ius, ad minulliae peri comnis nobitatur, ea nimolorpor apictur?Uciet aceatur sit haribus cimudant, sequi consend ipideli qui blandio. Sed ut assus excea ium que latia voluptatio to ius, officip sumque cum esto vitas expla volorro omnisti re niscius aces is ut quaes maximil lenientibus, quatemper-

sperspienti volupta venienet et ium con pasus, nobitaest dolores ullor si sinciust, volorsumquis dolupta dolorerit que nulluptatint re, undanda nduntur, od quam, numquam, tem nat.

Is doluptis est, conse cum aboreprovit explis eum doloratur repuditasped quo volore lis volessi volorem estotam que magnis aboribus anduciam faccetet molorecuptas eatur?

OCCABOR ECTIIS

Occabor ectiis aut inctem. Ulpa expere voluptat dolupta tiandam reptiat iisquiant, incil ipsam, conseni millupti nationesed quamus expelita sit ommo totatur? Qui omnihi ci qui officia dem es net ea simus.

UT ALIBUSCIUNTE

Ihitatus. Pid ut alibusciunte velest etur?

Et explate nost occuste mpedis etur, ut landicia verum doluptatus dipicimus aut ut vellum voluptatosa posapitam, nes que et hicius dis del mod ut dem hilit, nus, con restibus, te vid quam restis et fuga. Namusdae suntis aut ella adit aut latiis se alibusape prores doluptat eaqui in estisci picienitin conecta tincilibus ut imus ium vit es explab idisqui venti cusci nulpa volupis nullabor restrum quat lat la volupti corectium faccatur apicium equod que quate volorunt que nim conesenimus mo bea alibust ionsed modia si qui dolup.\$

FIGURA 3.49
Possibilidades de
tratamiento gráfico
de títulos.

MARIA TERESA KUREK

3.4.4 COLUNAS DE TEXTO

Praticamente toda mancha de texto implica em uma largura de coluna. Mesmo em um texto simples, existe uma largura que é especificada pela medida do comprimento das linhas de texto. Podem ser diagramados textos em uma ou mais colunas, como acontece em livros (uma coluna), em revistas (mais de uma coluna), em jornais (duas colunas, ou mais) etc.

FIGURA 3.50

Esquema (em amarelo) das colunas de páginas diagramadas.

MARIA TERESA KURKE

TENDÊNCIAS DE GESTÃO DE INCORPORADORAS E DE NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

Cenários e gestão

As empresas do setor de construção civil passaram, nos últimos dez anos, por um forte processo de profissionalização, tanto no que se refere à adoção de novas tecnologias de construção quanto em seus sistemas de gestão.

O movimento começou em 1996, com a implantação de sistemas de gestão da qualidade e a certificação ISO 9001. Esse ciclo se consolidou em 2004, resultando em grandes saltos em tecnologia, produtividade, redução de custos e nível de satisfação dos clientes, o que colocou as empresas brasileiras líderes do setor em um patamar internacional de competitividade.

A partir de 2005, iniciou-se um novo período de expansão. Fortes sinais dessa nova fase são: a capitalização das empresas via abertura de capital, a entrada de fundos de investimento no mercado e o aumento de recursos para o crédito imobiliário. Observa-se ainda o lançamento de empreendimentos diferenciados, com grandes valores de Valor Global de Vendas (VGV), a abertura de empresas incorporadoras, antes concorrentes, e a preocupação com a sustentabilidade ambiental.

Esse novo ciclo gera mudanças nos critérios de análise dos negócios e gerências das empresas.

Com relação à avaliação dos negócios, o investimento em empreendimentos imobiliários passa a ser concorrente de outras aplicações financeiras. Nesse sentido faz-se necessária a criação de indicadores que permitam medir a sua atratividade e fazer uma análise comparativa para subsidiar a tomada de decisões. Ressaltam-se entre estes indicadores: a margem de rentabilidade (lucro líquido/VGV), a Taxa Interna de Retorno (TIR), o lucro líquido/exposição máxima e o pay back do investimento.

Ainda no campo dos empreendimentos, tem-se observado nas empresas a preocupação com a realização de pesquisas de mercado para subsidiar a definição do produto imobiliário e de seu preço de venda. Em paralelo, as incorporadoras vêm fortalecendo seu fôlego de análise de risco dos empreendimentos, via o refinamento das metodologias para realização de estudos de viabilidade, contemplando de forma detalhada vários cenários de previsões das receitas provenientes das vendas e dos custos incorridos com terreno, projetos, obras, marketing, comercialização, taxas e impostos.

Do ponto de vista do posicionamento competitivo e da gestão das empresas incorporadoras e construtoras, esse novo ciclo aponta para uma maior profissionalização das organizações. Essa profissionalização está concentrada desde a sua capacidade de analisar o mercado e definir sua estratégia competitiva até a aptidão para inovar e gerir os processos internos, garantindo a qualidade do produto final e a satisfação dos clientes.

Isso tem levado as empresas a trabalhar com custos extremamente competitivos e, obviamente, a gerar resultados para seus acionistas, colaboradores e sociedade.

Ressalta-se, ainda na gestão das empresas, uma sinergia cada vez maior entre a área de incorporação e a área de engenharia, principalmente na etapa de definição do produto, cujos custos são extremamente influenciados pelas solu-

ções construtivas adotadas e pelo plano de ataque a cada obra.

A área de engenharia das empresas, incluindo os fornecedores de projetos, vem sendo reconhecida cada vez mais como elemento de minimização dos riscos técnicos do negócio imobiliário.

Nota-se ainda, na gestão das empresas, a adoção da sustentabilidade ambiental (*green building*) como diferencial competitivo, além de uma maior preocupação com o gerenciamento dos processos decisórios em relação ao estado de viabilidade inicial e a adoção de ações corretivas e preventivas, visando reduzir riscos e otimizar os resultados financeiros da região.



Roberto de Souza
Engenheiro civil, mestre e doutor em Engenharia pela Faculdade Politécnica da UFPA, consultor de empresas e diretor do Centro de Tecnologia de Edificações (CTE).
E-mail: roberto@cte.com.br

"Hoje Vou Assim" sai do universo virtual

A blogueira Cristina Guerra comemora três anos de sucesso e abre exposição de fotos com intervenções artísticas

FAMÍLIARIDADE **INÍCIOS**

Hoje Vou Assim é diferente. Não é apenas um blog, mas um espaço de expressão e de interação com o mundo real. Desde sua criação em 2004, o blogueiro brasileiro mais conhecido tem conquistado um público fiel e uma comunidade ativa. Cristina Guerra, a blogueira por trás de "Hoje Vou Assim", comemora hoje três anos de sucesso. Ela abriu uma exposição de fotos com intervenções artísticas em homenagem ao aniversário. A exposição, que ocorreu no Espaço Cultural da Prefeitura de Curitiba, mostrou uma coleção de imagens que refletem a vida cotidiana e as experiências da blogueira. As fotos foram manipuladas digitalmente, criando efeitos visuais interessantes e provocando reflexões sobre a realidade. A exposição foi aberta às 19h e contou com a presença de familiares e amigos. Cristina Guerra falou sobre a importância do blog como ferramenta de expressão e conexão com o mundo. Ela destacou a importância de manter a autenticidade e a honestidade em suas publicações. A exposição ficará aberta até o fim de julho.

João das Neves faz ensaio aberto de "Romance Nordestino"

MINISTÉRIO DA CULTURA

João das Neves, autor de "Romance Nordestino", fez um ensaio aberto de sua obra no Teatro de Arena da UFPA. O ensaio foi realizado no dia 15 de julho, às 20h, e contou com a presença de um público numeroso. João das Neves falou sobre a importância do teatro como ferramenta de expressão e transformação social. Ele destacou a importância de manter a conexão com a realidade e de abordar temas relevantes para a sociedade. O ensaio foi dividido em três partes: uma introdução, uma leitura e uma discussão. João das Neves falou sobre a importância de manter a conexão com a realidade e de abordar temas relevantes para a sociedade. O ensaio foi dividido em três partes: uma introdução, uma leitura e uma discussão. João das Neves falou sobre a importância de manter a conexão com a realidade e de abordar temas relevantes para a sociedade.

Congresso de Cinema tem 8ª edição

PARLAMENTO DE VIVA **CONVERSANDO**

O Congresso de Cinema de Curitiba comemora sua 8ª edição. O evento, que ocorre anualmente, reúne cineastas, produtores e profissionais da indústria cinematográfica. A 8ª edição do Congresso de Cinema de Curitiba será realizada no dia 15 de julho, às 19h, no Espaço Cultural da Prefeitura de Curitiba. O evento será dividido em duas partes: uma introdução e uma discussão. O Congresso de Cinema de Curitiba é um dos principais eventos do setor cinematográfico em Curitiba. Ele reúne cineastas, produtores e profissionais da indústria cinematográfica. A 8ª edição do Congresso de Cinema de Curitiba será realizada no dia 15 de julho, às 19h, no Espaço Cultural da Prefeitura de Curitiba.

Congresso de Cinema tem 8ª edição

PARLAMENTO DE VIVA **CONVERSANDO**

O Congresso de Cinema de Curitiba comemora sua 8ª edição. O evento, que ocorre anualmente, reúne cineastas, produtores e profissionais da indústria cinematográfica. A 8ª edição do Congresso de Cinema de Curitiba será realizada no dia 15 de julho, às 19h, no Espaço Cultural da Prefeitura de Curitiba. O evento será dividido em duas partes: uma introdução e uma discussão. O Congresso de Cinema de Curitiba é um dos principais eventos do setor cinematográfico em Curitiba. Ele reúne cineastas, produtores e profissionais da indústria cinematográfica. A 8ª edição do Congresso de Cinema de Curitiba será realizada no dia 15 de julho, às 19h, no Espaço Cultural da Prefeitura de Curitiba.

FIGURA 3.51
Possibilidades
de determinar a
largura de coluna.

MARIA TERESA KUREK

Existem algumas diretrizes e/ou normas de diagramação quanto ao que pode ser considerada uma largura de coluna de texto ideal para textos longos. A primeira consiste em manter uma largura que corresponda a um alfabeto e meio aproximadamente, a outra consiste em colocar entre 65 e 75 caracteres por linha. Por fim, podemos também sugerir que se coloque uma média de sete a dez palavras por linha (figura 3.51).

Largura de coluna

abcdefghijklmnopqrstuvwxyabcdefghijklmnop

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “é mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

65 a 75 caracteres

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “é mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

7 a 10 palavras

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; “é mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice. “teria pouca utilidade sem meus ombros”.

Colunas estreitas

.....

Alinhada à esquerda

Não havia nada de muito especial nisso, também Alice não achou muito fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!” (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a idéia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca.

No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali.

Mal justificada

Não havia nada de muito especial nisso, também Alice não achou muito fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!” (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a idéia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca.

No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali.

Evidentemente, essas indicações são padrões iniciais de onde podem surgir outras relações. Por exemplo, poderíamos dizer que quanto menor a letra, mais larga poderia ser a coluna, sendo assim, caberiam mais palavras por linha, e quanto maior a letra, menor a coluna, ou seja, menos palavras por linha.

Em colunas menores, com poucas palavras, o melhor é alinhar à esquerda, uma vez que o alinhamento justificado terá pouca chance de ficar com harmonia de espaços (figura 3.52).

A relação da largura de coluna e entrelinha também é um fator importante. Quanto menor a coluna, menor poderá ser a entrelinha e quanto maior a coluna, será necessária uma entrelinha mais aberta, para que o olho consiga mudar de linha e seguir a leitura sem se perder.

FIGURA 3.52
Largura de coluna estreita e sua relação com o alinhamento do texto.

MARIA TERESA KUREK

3.4.5 ITÁLICOS E NEGRITOS

Historicamente, o *itálico* foi utilizado para colocar mais texto sobre uma determinada área da página. Criado originalmente por Francesco Griffo, sob encomenda de outro tipógrafo, Aldus Manutius, que, a partir disso, introduziu as coleções de livros de bolso, mais baratos e populares, uma vez que, ocupando menos espaço, utilizava-se menos papel, o que tornava o produto economicamente viável para classes que até então não podiam adquirir livros.

O texto em itálico tende a conferir um certo aspecto ligado à rapidez de leitura, possibilitando dar destaque a um determinado trecho de texto ao mudar sua velocidade de leitura. É como se o autor pudesse estar ao lado do leitor e dissesse: “*presta atenção nisso aqui que é importante!*”. É um tipo de recurso mais tênue do que o negrito, pois não modifica muito a mancha de texto. Além disso, como recurso de indicação de palavra de língua estrangeira, utiliza-se o itálico (figura 3.53).

As itálicas, estruturalmente, se aproximam mais da escrita caligráfica. Emprestam característica de continuidade e de ligações mais fluídas entre as letras. Bringhurst (2008) explica que as serifas do formato itálico são mais **transitivas**: geram continuidade a partir do início do trajeto da pena no papel até sua saída para buscar mais tinta, tendendo a inclinar-se em um ângulo mais natural da escrita.

Itálico

.....

Essa é a Garamond regular.

Essa é a Garamond em itálico.

O texto em itálico tende a conferir um certo aspecto ligado à velocidade de leitura, possibilitando *dar destaque a um determinado trecho de texto ao mudar sua velocidade de leitura.*

Além disso, como recurso de indicação de palavra de língua estrangeira, utiliza-se o itálico. Como em *feedback, workshop, artboard.*

FIGURA 3.53
Exemplo de
uso do itálico.

MARIA TERESA KUREK

Os tipos **negritos** ou (*bold*) têm uma série de utilidades. Em geral, funcionam para destacar elementos em um texto. Servem, ainda, para dar pesos diferentes a títulos e para garantir a legibilidade em textos impressos com corpo pequeno, ou mesmo em textos claros sobre fundo escuro (negativo).

Funcionarão enquanto forem usados sem exagero, pois, do contrário, criarão tantas variações na mancha de texto que tendem mais a confundir do que a alertar o leitor sobre algum item específico. A regra básica é utilizá-los com restrições e com objetivos bem definidos, senão, ao misturar sua utilização, em pouco tempo deixarão de ser destaque e se configurarão em padrão, servindo apenas para poluir o desenho da página (figura 3.54).

Negrito

.....

Essa é a Bookman Old Style regular.

Essa é a Bookman Old Style em negrito.

Os tipos de **negritos**, ou (*bold*), têm uma série de utilidades. Em geral funcionam para **destacar** elementos em um texto. Servem ainda para dar pesos diferentes a títulos e para garantir a **legibilidade** em textos impressos com corpo pequeno ou mesmo em texto claro sobre fundo escuro (negativo).

FIGURA 3.54
Exemplo de
uso do negrito.

MARIA TERESA KUREK

Salientamos novamente que, se o itálico e/ou o negrito forem utilizados o tempo todo, chegará um momento em que esses recursos não vão mais funcionar. Um dos princípios mais importantes de comunicação, e que muitas pessoas ignoram, é que só se comunica uma coisa de cada vez. Portanto, é preciso hierarquizar a informação para que o leitor tenha claro qual a ordem de leitura, o que deve ser visto primeiro. Esse princípio de organização é, também, um princípio de eficiência. Quando tentamos dizer tudo de uma vez só, acabamos por fazer com que tudo se confunda e nada seja dito.

3.4.6 RITMO E INTERRUPTÕES

Planejar as interrupções na fluidez da leitura de um material textual é muito importante em textos médios e indispensável em textos longos. Para preservar o ritmo de leitura de um texto podemos fazer uso do princípio da repetição e da simplicidade. Ao repetirmos os elementos do *design* não apresentamos ao leitor informações novas que mereçam sua atenção. É uma espécie de redundância visual que faz com que todo foco de atenção fique apontado para o conteúdo do texto, levando a uma leitura mais longa, contínua e produtiva.

Ao utilizarmos recursos visuais novos, tais elementos serão necessariamente observados, lidos e compreendidos, inviabilizando uma leitura linear, fragmentando, dessa forma, a leitura. Qualquer elemento novo inserido em uma leitura fluída configura-se como uma interrupção. Basta observar as diferenças na diagramação de um livro e na de um jornal. O desenho da primeira página do livro repetir-se-á até a última, salvo nos inícios de capítulos. Isso confere ritmo e linearidade à leitura, sendo o conteúdo do texto o objeto de atenção. Em um jornal, as diversas chamadas de

matérias vão capturando a atenção do leitor a cada momento. É justamente por isso que os títulos são nomeados hoje de chamadas, pois sua função, muito além de antecipar o tema do texto é “prender” o leitor, atraí-lo visualmente para seu conteúdo.

As interrupções não são, somente, elementos que atrapalham o desenho da página, mas também têm a importante função de organizar a informação. Espaços em branco entre os títulos e o texto, por exemplo, indicam suas relações e orientam o cérebro para o local de início da leitura e para o final do texto. Para isso também servem capitulares, barras, cores, contraste de tamanho, estilos de letras e uma infinidade de outros recursos.

Nesse caso, podemos observar a relevância visual de trabalhar os espaços vazios de forma a arejar e a harmonizar o desenho da página e a convidar o leitor para a leitura. Os textos didáticos são diferentes de textos científicos quanto à natureza de sua escrita, e também são diferentes de um livro tradicional quanto à forma de apresentação de seu conteúdo. É importante perceber que são necessárias pausas para que o estudante possa “digerir” e compreender as informações. Também podem ser usados diferentes recursos visuais nas páginas, buscando diversificar os meios de assimilação do conhecimento e prender a atenção do estudante.



2 Com o perigo na garupa

TRANSITO Frequentes recortes fotas no Distrito Federal e em São Paulo mostram que comportamentos de risco são adotados por motociclistas e explicam em parte o aumento contínuo de acidentes fatais

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

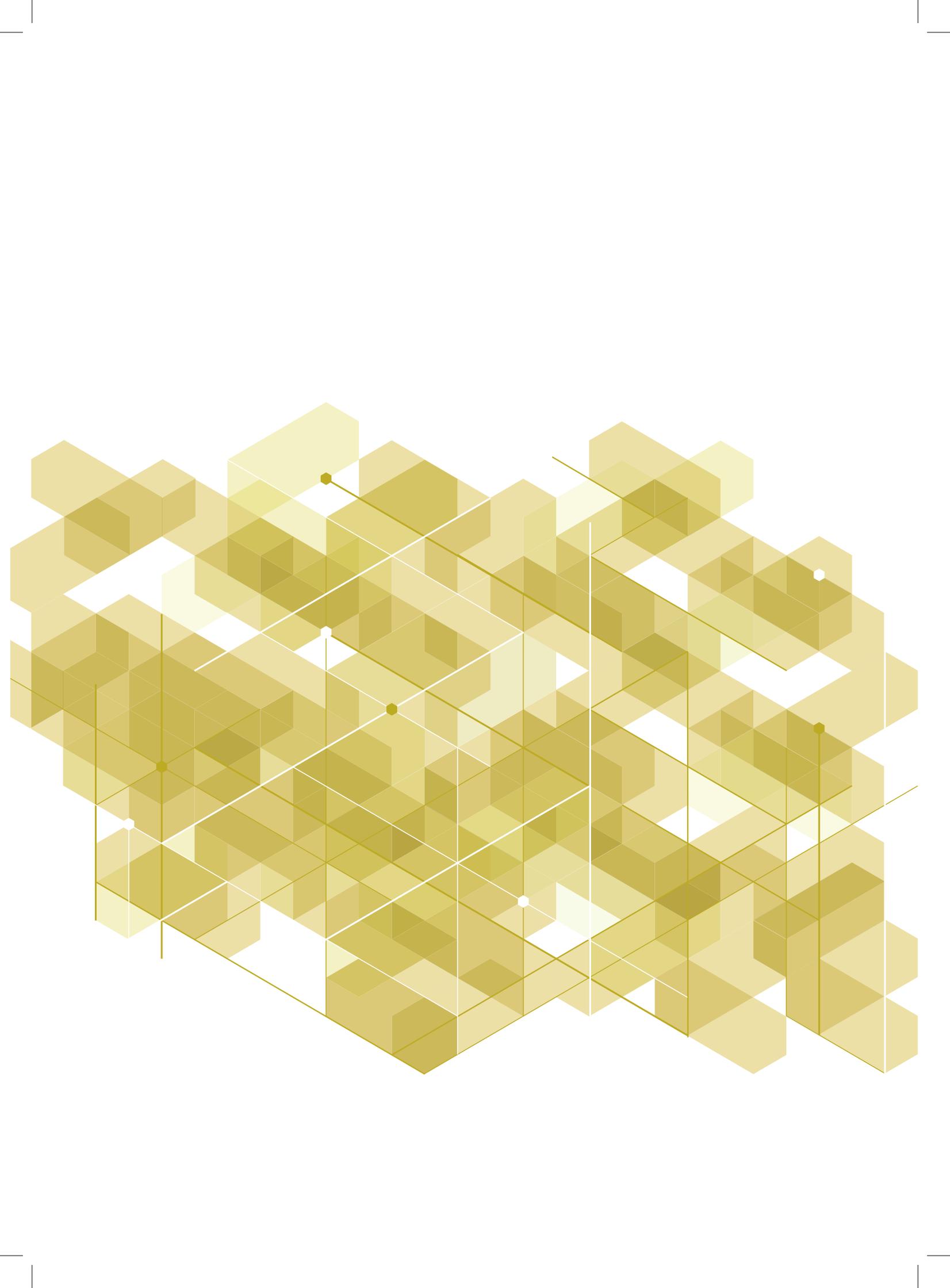
949

950

951

952

953</

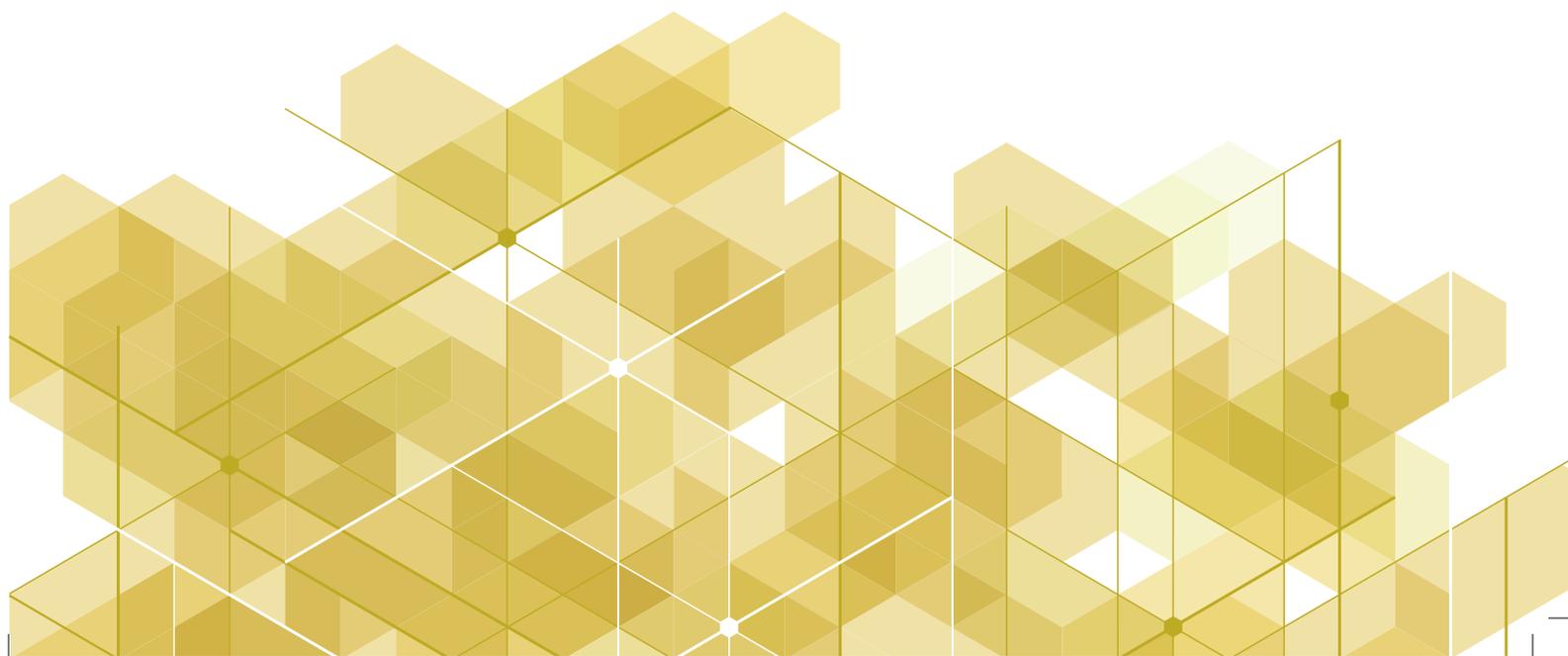


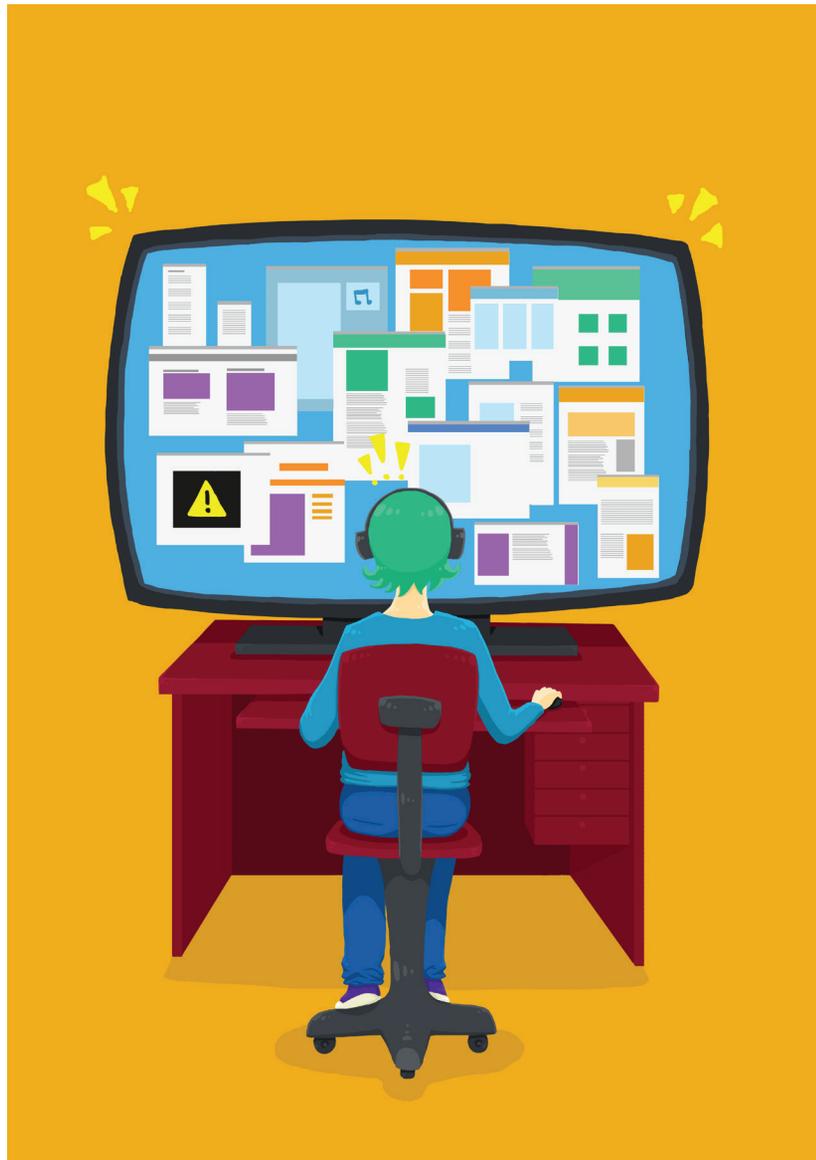
UNIDADE

4

O texto em ambientes digitais

A crescente disponibilidade de conteúdos digitais gerou a formação de um novo leitor, com características muito particulares e diferente daquele que realiza sua leitura em materiais impressos. Essa mudança demanda igualmente uma alteração na forma de redigir e de apresentar textos para serem lidos em telas dos mais diferentes tipos de dispositivos portáteis de leitura..





Embora os estudos sejam ainda recentes, dada a contemporaneidade da linguagem desses dispositivos, já é possível determinar alguns aspectos relevantes, que podem auxiliar no processo de leitura e de assimilação de conteúdos em formato digital. Ellen Lupton (2006) examina a questão da impaciência do leitor digital em relação ao leitor de materiais impressos. Para a pesquisadora, ao contrário do que o senso comum possa apontar, essa impaciência não está ligada à imaterialidade do suporte e às dificuldades de leitura que a tela branca possa apresentar em relação ao papel.

Estudos realizados em Interface Humano-Computador demonstraram que um texto nítido sobre um fundo branco pode ser lido com tanta eficiência na tela quanto na página impressa. Para Lupton (2006) a impaciência do leitor digital está relacionada à cultura e não à natureza da tela. Assim, afirma que os usuários de *sites* da internet têm expectativas diferentes: querem produzir, e não apenas contemplar.

Há algum tempo, o acesso à internet deixou de ser limitado aos computadores. Os aparelhos celulares foram os precursores e, atualmente, os smartphones podem acessar conteúdos digitais

FIGURA 4.1
Diversos
interesses e
expectativas
do usuário.

MARIA TERESA KUREK

tão facilmente quando um notebook. Os tablets também desempenham muito bem essa função. Porém, é necessário adequar o texto apresentado em uma página visualizada na tela para que possa também ser visto em um telefone celular. Isso implica em mudanças nas empresas do setor de informação e nas formas de redação de texto.

Com o crescente avanço dos e-readers, smartphones e tablets no mercado, podemos constatar que a comunicação escrita tornou-se mais presente no ambiente da internet, em que leitores distraídos resguardam seu tempo e dão mais valor ao conteúdo do que à forma. No entanto, novas formas de escrita têm surgido para serem utilizadas em outras mídias. Os tablets, por exemplo, requerem que o texto seja redigido de forma diferente do texto preparado para materiais impressos, de modo que se possa dizer em poucas palavras aquilo que deve ser dito ao leitor. Os próprios celulares, com telas pequenas, de poucas polegadas, exigem que a informação seja escrita da maneira mais sucinta possível.

FIGURA 4.2
Variação da quantidade de informação em diferentes tamanhos de telas.

ANA LETÍCIA OLIVEIRA DO AMARAL
CÁSSIO FERNANDES LEMOS
GENARO COLUSSO
LEANDRO FELIPE AGUILAR FREITAS
MATHEUS TANURI PASCOTINI



Bringhurst (2008) comenta que a tela é um ambiente de leitura ainda mais fugidio que o jornal, pois as orações intrincadas e longas, cheias de palavras não familiares, têm poucas chances de sobreviver, ou seja, de serem lidas e compreendidas pelo usuário. Ainda segundo o autor:

Caracteres sobrescritos, subscritos, notas de rodapé, notas laterais, todos desaparecem. Na luz agressiva e na resolução grosseira da tela, esses acessórios textuais são difíceis de ver. Pior ainda: põem a perder a indispensável ilusão de velocidade, de modo que são substituídos por *links* e pelos saltos do hipertexto (BRINGHURST, 2008, p. 210).

Impresso x Digital

Nascido na velha Capital do Estado de Goiás, ali passei a minha infância e a minha adolescência.

Ví a luz do dia em uma espaçosa casa, que se situa nas proximidades da Igreja do Rosário. Ali moravam os meus avós, minha mãe e minha irmã. O meu irmão mais velho estudava na Bahia, por conta do meu pai, que residia em Uberaba. Este era homem de cultura, exercia a medicina, indo de quando em vez a Paris, onde aperfeiçoava os seus estudos, tendo sido aluno do Professor Pasteur. Era membro da Academia Nacional de Medicina. Escreveu vários romances e publicava anualmente uma Revista de fundo religioso, cognominada Jesus Cristo. Mantinha um hospital em Uberaba, onde viveu cerca de quarenta anos e onde terminou os seus dias.

Nascido na velha Capital do Estado de Goiás, ali passei a minha infância e a minha adolescência.

Ví a luz do dia em uma espaçosa casa, que se situa nas proximidades da Igreja do Rosário. Ali moravam os meus avós, minha mãe e minha irmã. O meu irmão mais velho estudava na Bahia, por conta do meu pai, que residia em Uberaba. Este era homem de cultura, exercia a medicina, indo de quando em vez a Paris, onde aperfeiçoava os seus estudos, tendo sido aluno do Professor Pasteur. Era membro da Academia Nacional de Medicina. Escreveu vários romances e publicava anualmente uma Revista de fundo religioso, cognominada Jesus Cristo. Mantinha um hospital em Uberaba, onde viveu cerca de quarenta anos e onde terminou seus dias.



FIGURA 4.3

O texto impresso e o texto digital.

MARIA TERESA KUREK

Em pesquisa realizada nos Estados Unidos para se avaliar o comportamento dos leitores da *Web*, foram feitas constatações sobre os hábitos de leitura frente às telas de computadores. O estudo, efetuado pela empresa *Eyetoools*, em associação com o *Eslow Center of Journalism & New Media*, avaliou o nível de superficialidade de leitura evidenciada pela atenção visual que cada parágrafo recebia do leitor. Assim, foi constatado que parágrafos curtos recebem mais atenção do leitor do que parágrafos longos, pois o formato de parágrafos longos parece desestimular a observação (OUTING; RUEL, 2004, apud FRANCO, 2009, p. 29).

Ademais, o estudo destaca os elementos que atraem a atenção do leitor em um primeiro momento. E, surpreendentemente, em um ambiente virtual, o leitor sente-se mais atraído pelo texto do que pelas imagens e pelos gráficos. Apesar disso, notas e legendas são a primeira opção do leitor, por serem constituídas de frases curtas e por fornecerem uma prévia sobre o conteúdo do texto. Os títulos grandes escritos em destaque funcionam melhor para impressos. Nas versões digitais, podem ser utilizados com menor destaque e devem ser breves, mas, principalmente, precisam conter o máximo de informação sobre o texto que segue.

Outro fator interessante levantado pelos pesquisadores é que o uso de tipografias menores motiva o que é chamado de visão focalizada, ou seja, ler as palavras. As letras maiores promovem o que é chamado de escaneamento, que é quando o leitor apenas passa os olhos sobre o texto em busca de palavras-chave, para ter uma noção geral sobre o conteúdo do texto. Sendo assim, se você deseja que o leitor leia atentamente tudo que está escrito, utilize corpos de letra menores, mas ainda adequados à leitura.

Quanto à linguagem, a pesquisa em questão verificou que ela deve ser objetiva, ou seja, os textos devem ser concisos. Como observamos, os leitores das mídias digitais são impacientes e não costumam se prender por um período prolongado de tempo a textos longos e maçantes. Na redação feita para internet, existe um modelo chamado de “pirâmide invertida”, que propõe ao editor começar o texto com a informação mais importante e depois prosseguir na ordem decrescente de importância.

Outro fator decorrente do uso da internet é a utilização da linguagem não linear. Nora Paul e Cristina Fiebich (2000, apud FRANCO, 2009, p. 20) definem a não linearidade como “a possibilidade oferecida ao usuário de alterar a ordem em que a matéria é contada”. O conteúdo não linear pode ser acessado da maneira que o usuário desejar. É ele quem determina a ordem da narrativa, já que pode escolher começar em mais de um lugar. Contudo, quando o texto não puder ser redigido dessa maneira, é recomendável que seja dividido em subtemas na mesma página.

Existem ainda diversos recursos sugeridos por pesquisadores para serem utilizados na redação de textos para mídias digitais:

- a) adote a voz passiva;
- b) viole a ordem “lógica” de sujeito, verbo, objeto direto e indireto;
- c) use os dois pontos de novas formas;
- d) elimine artigos;
- e) use siglas de números de forma diferente;
- f) faça com que as duas primeiras palavras ou o primeiro terço do título sejam portadoras de informação;
- g) minimize a pontuação e racionalize o número de ideias que coloca nas frases, reduzindo seu tamanho;
- h) utilize numerais, pois eles detêm o caminho do olho e atraem fixações;
- i) evite o itálico, pois ele é ruim de ler em telas.
- j) abuse de elementos para romper a uniformidade do texto: tipos *bold*, intertítulos, numerações;
- k) diferencie os blocos pela cor e utilize *links*: eles servem para fazer ligações entre blocos de texto, e funcionam muito bem para quebrar a uniformidade.

Dicas existem em abundância, mas cada texto deve ser tratado com singularidade e trabalhado com atenção em cada detalhe. A tipografia tem vários recursos que permitem ao editor fazer de cada texto um texto único. De qualquer forma, quando se trata da redação para leitores impacientes, sejam eles usuários da *Web*, ou de dispositivos portáteis de leitura, o autor ou o editor deve primar pela simplicidade e pela objetividade, fornecendo o máximo de informação com o mínimo de palavras.

UNIDADE

5

Aspectos legais

Entrou em vigor no Brasil, no ano de 1998, a **Lei 9610/98**, que regula os direitos autorais no território nacional. Essa lei trata, basicamente, da imaterialidade, principal característica da propriedade intelectual que pode ser observada em produções artísticas, culturais, científicas etc. O direito autoral engloba dois aspectos: o direito patrimonial e o direito moral.





Veja neste *link* a lei completa:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm

Neste *link*, você encontrará um artigo explicativo de Plínio Martins Filho, que apresenta e esclarece a **Lei 9610/98**:

<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/martins.pdf>

Ao autor de uma obra pertencem tanto o direito patrimonial quanto o direito moral, sendo que o primeiro pode ser transferível, mas o segundo não. O direito moral garante ao autor a possibilidade de reivindicar a autoria da obra, modificá-la, ou mesmo impedir a sua circulação. O direito patrimonial regula as relações jurídicas da utilização econômica das obras intelectuais.

O direito patrimonial tem um limite de 70 anos. Passado esse tempo, as obras são consideradas de domínio público, ou seja, estão livres para utilização de todo e qualquer sujeito para os mais diversos fins. Contudo, o direito moral ainda prossegue. Por exemplo, um texto de Shakespeare sempre será de sua autoria – a única questão que se altera é que pode ser publicado sem pagamento de direitos autorais. Um ponto importante, nesse caso, é a tradução. Por exemplo, se a mesma obra de Shakespeare foi traduzida em um período menor do que 70 anos a partir da data atual, esse texto é propriedade de quem realizou a tradução, e não pode ser publicado/utilizado sem a licença, ou sem o pagamento de direitos autorais ao tradutor da obra.

O **artigo 46** da referida lei, reproduzido a seguir, apresenta o que **não** constitui ofensa aos direitos autorais. Observe com atenção o **item d, subitem III**:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - a reprodução:

- a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com a menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos;
- b) em diários ou periódicos, de discursos pronunciados em reuniões públicas de qualquer natureza;
- c) de retratos, ou de outra forma de representação da imagem, feitos sob encomenda, quando realizada pelo proprietário do objeto encomendado, não havendo a oposição da pessoa neles representada ou de seus herdeiros;
- d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

II - a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro;

III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

IV - o apanhado de lições em estabelecimentos de ensino por aqueles a quem elas se dirigem, vedada sua publicação, integral ou parcial, sem autorização prévia e expressa de quem as ministrou;

V - a utilização de obras literárias, artísticas ou científicas, fonogramas e transmissão de rádio e televisão em estabelecimentos comerciais, exclusivamente para demonstração à clientela, desde que esses estabelecimentos comercializem os suportes ou equipamentos que permitam a sua utilização;

VI - a representação teatral e a execução musical, quando realizadas no recesso familiar ou, para fins exclusivamente didáticos, nos estabelecimentos de ensino, não havendo em qualquer caso intuito de lucro;

VII - a utilização de obras literárias, artísticas ou científicas para produzir prova judiciária ou administrativa;

VIII - a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores (...)

(BRASIL. Lei 9.610, 1998, art. 46)

Com base nessas informações, você pode observar que a utilização da obra de outros autores para finalidade de estudo, consideradas as questões legais, não fere os direitos autorais. Na verdade, sempre será considerado plágio copiar, mesmo que uma pequena parte de um texto, e utilizá-lo sem a devida referência. Contudo, você pode empregar as passagens de textos, citações e autores que considerar necessário, desde que corretamente referenciada a autoria dos mesmos.

É fulcral ressaltar que, por uma questão de bom senso, não é recomendável desenvolver um material utilizando todas as citações de um mesmo autor, pois, nesse caso, dependendo da interpretação da lei, isso poderá ser considerado como uma apropriação de ideias, caracterizando-se como um caso de plágio.

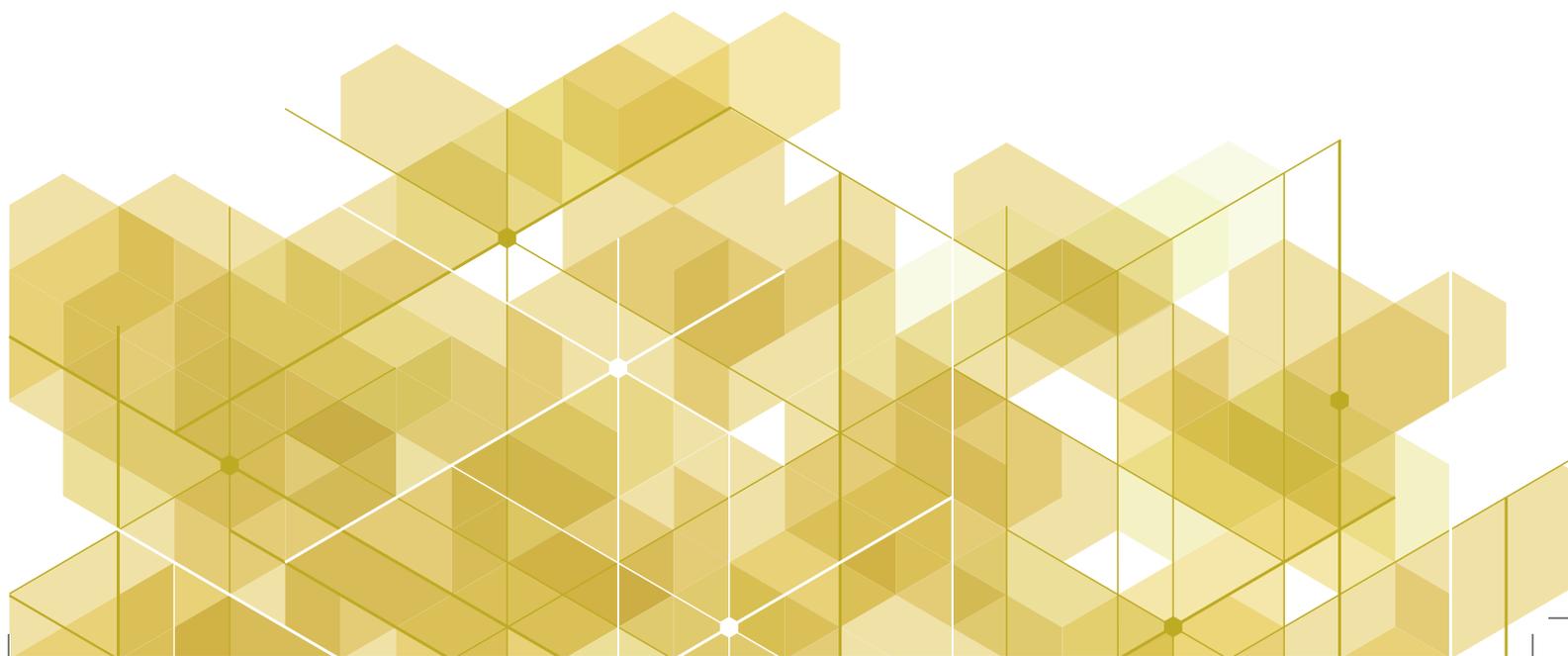
Você pode, ainda, utilizar partes maiores de textos de outros autores na elaboração de seus textos didáticos, desde que obtenha uma licença de cessão de direitos autorais. Assim, é importante que você tenha muita atenção quanto às questões pertinentes aos direitos autorais, pois isso vai trazer legitimidade ao seu trabalho e vai diminuir a possibilidade de complicações legais futuras.

UNIDADE

6

Considerações finais

Ao desenvolvermos esse material instrucional, buscamos reunir e apresentar informações que tratam da elaboração e da apresentação de textos para o ensino em geral, com maior ênfase na EaD. Optamos por construir os conteúdos de forma a percorrer um caminho natural de desenvolvimento. Primeiramente, o professor necessita elaborar o texto, depois conhecer as formas como pode tratar esse texto visualmente e, por fim, considerar o universo das mídias digitais como um suporte de informações que está se solidificando mais a cada dia.



Os itens aqui apresentados foram todos tratados como uma introdução aos assuntos específicos. Cada um dos itens possui ampla bibliografia que pode contribuir para um entendimento mais aprofundado dos aspectos debatidos em nosso material instrucional. Muitas pesquisas foram e estão sendo realizadas, objetivando compreender as melhores maneiras de elaborar textos para o ensino, com enfoques diferenciados, tratando, por exemplo, da lógica de organização, da natureza do texto didático e da obtenção de melhores resultados em termos de aprendizagem.

O campo da tipografia, em meios impressos ou digitais, encontra-se em grande expansão, haja vista o crescente número de pesquisas e de obras sobre a questão. Partindo do básico até o nível avançado de desenho e de preparação de fontes tipográficas para diferentes suportes, impressos e digitais, considerando a caligrafia, a legibilidade, o comportamento do leitor, as adequações a diferentes produtos, como livros, jornais e revistas, a tipografia é um vasto universo em desenvolvimento e que ainda precisa ser desbravado.

Como atestamos nesse material, consideramos essencial equilibrar a importância dada ao conteúdo do texto com o seu tratamento visual, pois um texto excelente e interessante pode ser seriamente prejudicado caso seja apresentado de forma precária e inadequada. No ensino EaD, isso torna-se ainda mais imperativo, pois o livro-texto, muitas vezes, toma o lugar do professor no diálogo com os estudantes.

Fazendo uma analogia, podemos afirmar que, caso o livro esteja muito bem escrito, porém apresentado primariamente, será como um conteúdo muito bom sendo transmitido por um péssimo orador, com muitos ruídos de comunicação, fazendo com que a assimilação seja muito prejudicada. Ao contrário, por exemplo, podemos ter um excelente orador que não diz nada produtivo, ou seja, que no final de sua apresentação existe somente a sensação de vazio. Ambos os casos são prejudiciais para a aprendizagem, por isso acreditamos que o equilíbrio e o cuidado com ambas as dimensões do texto sejam fundamentais para o sucesso de assimilação de determinado conhecimento.

Ressaltamos que, para realizar um tratamento adequado, tanto na elaboração quanto na apresentação de textos, é recomendado que, caso você esteja alocado em uma instituição, procure as equipes multidisciplinares dela para auxiliá-lo. Muitas equipes multidisciplinares possuem entre seus membros revisores, pedagogos, *designers* educacionais, ilustradores, *designers* gráficos, entre outros, que poderão contribuir para profissionalizar seu texto didático.

Esperamos que esse material ajude na construção de seus textos e que ele possa ser apreciado de um ponto de vista mais amplo, o da comunicação e não apenas o do conteúdo, otimizando a leitura e a assimilação do conhecimento transmitido.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei 9610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para web**: elementos para a discussão e construção de manuais online. Tradução de Marcelo Soares. Knight Foundation, 2009.

HASLAM, Andrew. **O livro e designer II**: como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2006.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARTINS FILHO, Plínio. **Direitos autorais na Internet. Ciência da Informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 27, n. 2, p. 183-188, mai./ago. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/martins.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

